

ORGANIZADORES

CRISTINA MARIA DA SILVA

LUCAS PINHEIRO TENÓRIO FARIAS

Rastros urbanos

experiências, narrativas
e memórias na cidade


Imprensa
Universitária
UFC


COLEÇÃO
DE ESTUDOS DA
PÓS-GRADUAÇÃO

Rastros urbanos

**experiências, narrativas e
memórias na cidade**



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação

Camilo Sobreira de Santana



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC

Reitor

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora

Prof.^a Diana Cristina Silva de Azevedo

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. João Guilherme Nogueira Matias

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof.^a Regina Célia Monteiro de Paula



IMPrensa UNIVERSITÁRIA DA UFC

Diretor

Francisco Charles Rocha e Silva Ribeiro

**COMISSÃO TÉCNICO-EDITORIAL DA COLEÇÃO DE
ESTUDOS DA PÓS-GRADUAÇÃO – UFC
EDIÇÃO 2024-2025**

Lidiany Karla Azevedo Rodrigues Gerage

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Felipe Ferreira da Silva

Biblioteca Universitária

Joselany Áfio Caetano

Departamento de Enfermagem/FFOE

Juliana Soares Lima

Biblioteca Universitária

Cristina Maria da Silva
Lucas Pinheiro Tenório Farias
(Organizadores)

Rastros urbanos

**experiências, narrativas e
memórias na cidade**



Fortaleza
2026

Rastros urbanos: experiências, narrativas e memórias na cidade

Copyright © 2026 by Cristina Maria da Silva, Lucas Pinheiro Tenório Farias

Todos os direitos reservados

Publicado no Brasil / Published in Brazil

Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

Av. da Universidade, 2932 – Benfica, Fortaleza-Ceará, Brasil

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Leidyane Viana Nogueira

Normalização bibliográfica

Luciane Silva das Selvas

Layout gráfico-visual e diagramação

Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará

R231 Rastros urbanos [livro eletrônico]: experiências, narrativas e memórias na cidade / Organizadores, Cristina Maria da Silva e Lucas Pinheiro Tenório Farias. – Fortaleza: Imprensa Universitária, 2026. 2.684 Kb. : il. Color. ; PDF. (Coleção Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-85-7485-640-7

1. Antropologia urbana - Fortaleza. 2. Sociologia. 3. Narrativas pessoais.
I. Silva, Cristina Maria da, org. II. Farias, Lucas Pinheiro Tenório, org. III. Título.

CDD 301

Elaborada por: Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

Dedicatória

Aos estudantes de graduação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), por terem acolhido, desde o primeiro momento, em 2010, de modo tão generoso e afetivo, o projeto *Rastros Urbanos* e por fazerem, com suas artes e criatividade, esse grupo sair dos muros da universidade e atravessar a cidade.

Sumário

Apresentação

Cristina Maria da Silva 9

RASTROS NA CIDADE

Cristina Maria da Silva 11

Saraus das mulheres: cascas de uma memória coletiva

Lucas Pinheiro Tenório Farias 16

O caldo etnográfico

Fábio Paz 21

O manguiá de uma pesquisa

Mário Luís Moreira Silva 31

Juventudes e práticas leitoras: o que essa relação revela?

Josiara Gurgel Tavares 36

O granito e o arco-íris: uma análise interdisciplinar e biográfica da cidade em *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf

Leo Costa 48

RASTREANDO ESPAÇOS SOCIAIS

Cristina Maria da Silva 54

Educação e ciência: o rastro que se encontra nas vivências do Poço

Isabella Carneiro Torres 58

Os lugares invisíveis das longarinas da ponte aos olhos do mar do farol	
<i>Tinally Carneiro Batista</i>	62
O Poço da Draga sob o olhar da psicologia ambiental e comunitária: trajetórias potentes de sobrevivência e resistência	
<i>Brenda Ponte Fonseca</i>	69
Nosso(s) olhar(es): imagens poéticas inscritas no Grande Bom Jardim	
<i>Karlene da Silva Andrade</i>	78
Os espaços que as mãos falam: a construção da cultura em espaços organizados de surdos	
<i>Samantha Alves da Silva</i>	83
Imaginários míticos da casa e narrativas poéticas em Mia Couto e Natércia Campos	
<i>Thaíla Mendes Araújo</i>	92
OS BAÚS DA MEMÓRIA	
<i>Lucas Pinheiro Tenório Farias</i>	99
Biografias, luto e memória: os santinhos de falecimento como fontes históricas	
<i>Ângela Elizabeth Ferreira de Assis</i>	103
Um lugar antes e depois da fotografia	
<i>Ana Carla Guimarães Lima Vieira</i>	109
Possíveis Mauras	
<i>Darlene Freitas de Sousa</i>	114
Um rastro bordado	
<i>Alana Brandão Moura</i>	117

Grafando a cidade: imagens, trajetórias e narrativas

Ananda Andrade do Nascimento Santos 122

As guardiãs da memória na cidade

Cristina Maria da Silva 126

Posfácio

Solange Maria Soares de Almeida 132

Apresentação

Uma cidade é contada, seja por palavras, seja por caminhadas, rastros e pelas experiências que nela se cartografam. A cidade se expressa não apenas institucionalmente e em seus modelos de gestão; talvez ela seja algo que nem seja possível gerir. Ela se dá pelas frestas da janela, no pulo da ponte, na brisa do final de tarde, na sombra das árvores ou dos postes e pontos de ônibus, ansiosamente buscadas no dia escaldante. Ela se desenha com outras formas quando está “bonito pra chover”. Inscreve-se nas paredes, nos grifos, nos gritos. “Quem não tem papel dá o recado pelo muro”, cantava Raul Seixas em “Como vovó já dizia”.

Neste livro, os autores, por meio de suas práticas de leitura, observação e caça de passos e rastros, olham a vida urbana, a partir de Fortaleza – pela literatura, pela ponte e pelo farol, pela paisagem, pelas experiências, pela escuta das memórias nas calçadas e nos saraus, nas caminhadas, desenhos, grafites e paradas –, para melhor compreender seus movimentos. Mergulham nos arquivos, mas também observam as fisionomias, leem as fotografias guardadas em casas e o que se esconde dentro dos baús da memória. São perspectivas andarilhas pelos signos da cidade, formas de inventariá-la, que se constroem nos encontros com o corpo da cidade. Diante de uma cidade utópica, insinua-se, como as curvas de Iracema na orla, uma cidade metafórica... “Uma outra espacialidade”, nas palavras de Michel de Certeau, “uma experiência ‘antropológica’, poética e mítica do espaço e a mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível” (Certeau, 2009, p. 159). Inscrições poé-

ticas que aproximam a ciência social e antropológica das narrativas, percorrendo as ruas e buscando alcançar e mapear, para além das suas numerações e códigos de endereçamentos postais, as dimensões dos afetos que percorrem e dão sentido à cidade.

Cristina Maria da Silva



RASTROS NA CIDADE

“Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Neste caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios”.

Walter Benjamin¹

São muitas as maneiras de entrar em uma cidade e conhecer as suas geografias. Nos trabalhos que se seguem, o mapa para acessá-la se dá pelas narrativas. Os territórios se dão muito mais pelas memórias e narrativas do que pelas suas estruturas e modos de gerir. A partir das cascas das memórias musicais, podemos mergulhar nas águas das memórias das mulheres do Poço da Draga, por meio dos encontros que elas realizam mensalmente. Por meio dos saraus, em que cantam, recitam poesias e se confraternizam, elas também alicerçam a proximidade como vizinhança e amizade, evidenciando como resistem por detrás dos muros erguidos pela própria cidade que insiste em invisibilizar seu território. Está em Iracema, mas é registrado pelo poder público como Centro, ou chamado de comunidade quando lido pelo olhar dos outros, mas internamente é vi-

¹ Tiergarten. Infância em Berlim por volta de 1900. In: *Rua de mão única*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Pierre Paul Michel Ardengo. Obras Escolhidas. Volume II. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009, p. 73-75.

vido como bairro, onde as relações sociais se tecem à beira-mar e na brisa dos afetos.

O grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos inicia suas atividades em 2010, credenciado ao Diretório do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, com o propósito de olhar para a cidade a partir das experiências dos que nela vivem. Faz isso estimulando seus pesquisadores do curso de graduação em Ciências Sociais da UFC a observar no cotidiano as memórias, as narrativas e a contextualizá-las, incluindo suas próprias experiências individuais; a enxergar a cidade sentindo-se parte dela, expandindo o olhar a partir das teorias sociais, mas abrindo rotas e encontrando vestígios nas paisagens de suas próprias vivências.

A cidade também se mostra nos aspectos biográficos; essa é a aposta desse projeto. Onde se vê violência, podem surgir, nas singularidades de seus habitantes, as histórias que fazem os lugares. Fábio Paz, ao buscar inicialmente olhar o lugar onde mora, se defronta com a violência. Ao pensar nas implicações da escolha de seu tema de pesquisa – acompanhar pessoas em situação de rua, “piranguinhos” –, tem ao seu redor a violência da periferia, dos movimentos sociais, dos usuários de drogas e das torcidas organizadas, mas por medo, como diz ele, ou por coragem, diria eu, ele se volta para o bairro Bom Jardim de outra forma. Escuta uma história sobre um líder de gangue chamado Zé do Caldo e resolve procurar conhecê-lo. Na verdade, o que poderia parecer mais uma entrada no universo do crime se mostrou um esforço de exercício antropológico fascinante. O senhor José Maria Uchoa, mais conhecido como Zé do Caldo, era um dos guardiões das histórias do bairro, cercado de inúmeros amigos, que se reuniam diariamente no seu bar para beber e para tomar o seu famoso caldo de carne. Estávamos diante de um colecionador de histórias, com pastas organizadas com recortes de jornal sobre o cotidiano do bairro, sobre o seu bar ou sobre seus sonhos envolvendo suas histórias familiares. Escutar suas histórias era percorrer as ruas da memória, sair das estatísticas para adentrar uma geografia de narrativas.

Escutar as pessoas também pode ser uma estratégia de pesquisa, percorrer a cidade que elas ocupam e ser afetado pelos sentidos que elas nos apresentam. Assim, Mário Luís nos instiga a observar a cidade de Fortaleza através dos olhares das pessoas em situação de rua, por meio da pesquisa *manguia*, acompanhando suas estratégias e táticas de sobrevivência. Constrói com elas caminhadas e tece, entre conversas e entrevistas, suas fisionomias. Suas biografias aparecem ao lado das narrativas sobre o que as faz estar nas ruas, seja passando por elas ou nelas permanecendo. Olhando e se deixando olhar, estamos diante de uma Antropologia que se faz com os outros, que corajosamente ousa escutar a dor do outro, seguir seus rastros e, no entanto, não esquece de indagar também os próprios rastros.

Quem está percorrendo as ruas cria suas estratégias de sobrevivência, mas, nas diferentes formas de exclusão, as pessoas criam suas formas de resiliência para contornar as imposições sociais. Observando práticas leitoras na juventude em duas escolas públicas de Fortaleza, em sua experiência docente, Josiara Tavares observa como a leitura é algo que escapa ao controle daqueles que pensam que administram e gerenciam as cidades e, até mesmo, ao controle da própria escola, ao se colocar no lugar de única construtora do saber. Como uma operação de caça, advertiu-nos Michel de Certeau em sua *Invenção do cotidiano*, ler é peregrinar por um sistema complexo de enunciações. Até mesmo nossos passos podem ser lidos, que dirá nossos rastros. Diante das repetidas argumentações de que hoje os jovens não leem, a pesquisadora nos faz seguir com eles, em rodas de conversa e escuta de suas narrativas. Eles leem, mas fazem suas próprias escolhas. Mesmo quando não têm acesso ao livro, suas práticas leitoras se interligam às táticas de caça e, assim, elas perfuram o conhecimento estabelecido e tecem outras formas de saber. Trocam entre si, acessam outras culturas, constroem práticas de leituras que, na maior parte das vezes, sequer estão nas bibliotecas de suas escolas ou são conhecidas pelos seus professores.

Ao nos perguntarmos o que é uma cidade e decidirmos responder essa questão por meio das narrativas que dela emergem, percorremos os sinuosos fios entre a realidade e a ficção. Podemos observar como em *Mrs. Dalloway*, da escritora inglesa Virginia Woolf, a cidade pode se revelar diante de nossos olhos na literatura não de uma maneira direta ou cronológica, mas a partir dos elementos simbólicos que a compõem. Sabemos que é da capital inglesa que ela está falando pelas badaladas do Big Ben no Parlamento de Londres, pelos parques, pelos desencantamentos de seus personagens, visto ser ambientado no período após a Primeira Guerra Mundial, e pelos gestos, comportamentos e pensamentos da mulher, que decide ela mesma sair caminhando para comprar flores. As caminhadas eram também hábito da escritora do romance, a forma como aprendeu a ler a cidade que viria a se tornar sua principal personagem, como abordará Leo Costa em sua pesquisa.

Cristina Maria da Silva

Saraus das mulheres

cascas de uma memória coletiva

Lucas Pinheiro Tenório Farias²

Esse texto é construído partindo de minha própria experiência enquanto espectador dos diferentes laços que unem a expressão humana, entendendo-os não só como mecanismos que tornam interativas as relações interpessoais entre os diferentes indivíduos, mas que apresentam em seus mais sublimes traços a capacidade de fazer parte da memória coletiva dos habitantes de determinados lugares, principalmente aqueles que estão imersos no apagamento histórico, reflexo de projetos de descaso governamental.

Como fios de uma linha tênue entre o imaterial e o material, adornada na voz de mulheres, as quais, unidas pelos mais diferentes carretéis de linho, tecem imaginários, narrativas e histórias, que se concatenam com a história de um lugar, novas histórias emergem trazendo consigo rastros do passado presente. É o que acontece

² Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente é vinculado ao projeto de extensão “Fotomemórias: uma Fortaleza que se encontra nos acervos pessoais” e bolsista Funcap do projeto de pesquisa “Rastros da memória em narrativas literárias: grafando recordações na literatura africana e brasileira”.

com as moradoras da comunidade Poço da Draga, localizada em Fortaleza (CE), conforme nos mostra Silva (2021, p. 6):

Essas mulheres tecem suas vidas e a história de seu território mesmo diante das constantes ameaças aos seus territórios de lembranças e sonhos: a casa que viram o marido já falecido, arduamente erguer, com a ajuda dos vizinhos, cada centímetro de concreto construído com a chegada de cada filho, a praia, que é o quintal onde viram os filhos brincar e crescer.

Nesses pontos-cruz, que vinculam e bordam histórias, mensalmente, Ivoneide Gois³ convida as mulheres do Poço a se reunirem em pomposos saraus, com a riqueza dos cantos, das memórias, evocadas em versos minuciosamente selecionados. Em um desses encontros, que tive o privilégio de prestigiar, fui convidado pelas anfitriãs a cair na “gandaia”, como já dizia a música do saudoso artista cearense Genival Santos. Contudo, para além de um momento descontraído em que os “trabalhadores da memória” (Kardozo, 2021) nos contam as suas vivências, percebi uma série de congruências entre as histórias daquelas, em sua maioria, negras senhoras.

Folheando as imagens do livro *Territórios da memória: Poço da Draga*, pude perceber que muitas das causas da morte dos parentes dessas mulheres, inclusive dos maridos, foram o alcoolismo, o suicídio e a violência urbana, pondo fim aos carretéis de linha que constroem o tear da vida. Porém, assim como as mãos potentes das rendeiras que engendram nos bilros longos cruzamentos de linhas, as guardiãs das memórias do Poço permitem-nos traçar, por meio dos saraus, uma geografia urbana da própria cidade de Fortaleza, marcada por pontos desiguais, corroborando o que Pardue e Oliveira (2018) defendem quanto ao papel dos saraus na reconstrução da memória de um lugar.

Durante essas ocasiões, rememoram-se as antigas pedras nomeadas pelos moradores do Poço; a gostosa piscininha que tirava a

³ Antiga liderança do bairro. Sua família já está na 4ª geração residente no Poço.

tensão da correria da vida; a velha ponte que, além de ser lar no imaginário imaterial, se fez muita vezes morada para abrigar as vítimas do descaso público; o sequestro dos telhados pelo antigo trem que buzinava atiçando a garotada; as abundantes enchentes que levavam o fruto do árduo trabalho; as tortuosas noites em que o medo da remoção pelos ditos projetos de “modernização” corroía as poucas horas de sono. De todo modo, memórias são evocadas, trazendo à tona um mar de águas caudalosas que movimentam parte do imaginário comunitário.

E, por falar em mar, como não deixar de mencionar as inúmeras fotografias contidas no álbum imaginário “Poço 115” (2022), que mostram gerações de famílias desfrutando das águas mornas da praia da Draga. Em seus sorrisos de alegria, revela-se uma relação de pertencimento com aquele lugar de brisa leve e salgada, seja pela figura dos pais pescadores que levavam o sustento para casa, seja pela própria afetividade com o mar (Gomes, 2019). Em todo caso, a maritimidade se revelava como algo particular dos fios da memória desse lugar.

Assim como nas letras dos versos do poema “A rendeira”, escrito pelo cearense Adriano Espínola (1997), esses momentos de encontro na casa de Dona Iolanda “costuram sobre sonhos a realidade” de biografias marcadas por longas tessituras da memória, em que até as músicas cantadas revelam rastros indispensáveis da reconstrução do tear árduo dos linhos da vida (Silva, 2021).

Lembro da primeira vez em que participei do sarau no Poço. Ao chegar àquele aparente pacato bairro, eis que surge Dona Ivonilda,⁴ afirmando energicamente ter sido minha madrinha e contando as histórias de um cachorro rico que habitava as arborizadas ruas de Belém do Pará. Ela me cativou, tal qual a exuberante raposa de Antoine de Saint-Exupéry (2015), que ensina ao pequeno príncipe que cativar significa estabelecer vínculos e laços.

⁴ Antiga moradora do bairro.

Como agulhas que, meticulosamente utilizadas pelas “costureiras da memória”, traçam longos fios de linha, os também longos fios metálicos da antiga ponte constroem e fincam vínculos nos quais os moradores do Poço entrelaçam e cruzam os seus bordados de histórias e vivências. Essa longa tessitura imaterial que vem sendo construída ao longo de 116 anos tornou possível o processo de tombamento da ponte, iniciado em 2022 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (Vianna, 2022).

Nesse sentido, os saraus quinzenais realizados na casa de Dona Iolanda⁵ têm se mostrado fundamentais na reconstrução não só das memórias do Poço, mas, sobretudo, dos rastros urbanos de narrativas bordadas pelos mais diferentes fios, que se interligam à medida que vão sendo contadas pelas músicas, poesias, fotografias e, principalmente, na pele de um bairro que tece, há mais de um século, uma história de sobrevivência contra os nós da vida, erguidos pelas instituições públicas.

Encerro essa tessitura com alguns versos da canção “Pinga ne mim”, composição de Elias Filho (Elias Moreira Manco), conhecida pela interpretação do cantor Sérgio Reis, a preferida de minha madrinha no Poço, que, como antes dito, também constitui um rastro pertencente à memória daquele “aparente e pacato bairro”.

Eu preciso dar um jeito
Se eu a ver em outros braços
Vou fazer um tal regaço, e meter pinga no peito
E nessa casa tem goteira
Pinga ne mim
Pinga ne mim
Pinga ne mim.

⁵ Antiga moradora do bairro. É na sua casa que são realizados os saraus.

Referências

CAMILO, Felipe; GRAÇA JÚNIOR, Álvaro. *Poço 115: um álbum imaginário*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2022.

GOMES, Marília Passos Apoliano. *Um mar de histórias: memória, identidade e territorialidade no Poço da Draga*. 2019. 281f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.

KARDOZO, Felipe Camilo Mesquita. *Comunidade visível: narradores de imagens e memórias do Poço da Draga*. Orientadora: Glória Maria dos Santos Diógenes. 2021. 325 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de; PARDUE, Derek. A cidade como mobilidade: uma contribuição do sarau para a teoria urbana. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, v. 15, 2018.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SILVA, Cristina Maria da. *As fiandeiras da memória: a cidade de Fortaleza arquivada em fotografias e oralidades*, 2021.

ESPÍNOLA, Adriano. *Beira-sol*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

VIANA, Theyse. Ponte do Poço da Draga e Ponte dos Ingleses têm processo de tombamento federal iniciado pelo Iphan. *Diário do Nordeste*. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/ponte-do-poco-da-draga-e-ponte-dos-ingleses-tem-processo-de-tombamento-federal-iniciado-pelo-iphan-1.3253288>. Acesso em: 14 jul. 2022.

O caldo etnográfico

*Fábio Paz*⁶

1

Eu estava preocupado com a escolha do meu objeto de pesquisa. Coursava o quinto semestre. Desde o primeiro período, alguns professores nos falavam sobre a importância de ter em mente o que seria pesquisado no futuro.

Não fiquei satisfeito com minha primeira etnografia: tribos indígenas. Arrisquei meu pescoço, com meus amigos de irmandade, ao passar a madrugada quase toda na praça Coração de Jesus, no centro da cidade. Queríamos pesquisar moradores de rua, porém eles não foram muito receptivos. Tudo bem! Eles passavam o dia vagando, mendigando a subsistência. Os travestis, no mesmo local, foram bem mais ariscos conosco: ameaçaram-nos rasgar com giletes.

Não saciado em “correr riscos” à procura da “etnografia perfeita”, resolvi pesquisar jovens com estereótipos marginais, ou “pi-

⁶ Graduado em Ciências Sociais (bacharelado e licenciatura) pela Universidade Federal do Ceará. Pós-graduado em Ensino de Filosofia pela FAMART. Pesquisador voluntário do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos, vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFC, desde 2010.

ranguinhos”, como se dizia à época. Entrevistei alguns conhecidos; um deles me apresentaria a um “malandro”, que praticava furtos e assaltos à mão armada. Infelizmente, durante um ato de acerto de contas, meu futuro interlocutor foi assassinado, com outros oito garotos, em local público.

Mesmo com tantos problemas afetando meus projetos, o provável objeto de pesquisa para a monografia, não me abati. Dei continuidade. A “pirangagem” tinha tudo para se tornar uma ótima etnografia. Para tanto, eu precisava de um bom orientador. Procurei aquele que detinha o título de autoridade no assunto. Ele aparentava ser uma boa pessoa, se parecia bastante com um ursinho de pelúcia, e sua fala tinha alegria.

– Aqui está, professor, é apenas um resumo do projeto. Acredito que dá para entender o objeto da pesquisa – falei enquanto lhe entregava as folhas muito bem organizadas.

– Deixe-me ver.

Ele apenas paginou rapidamente, mirou alguns parágrafos, reproduziu alguns sons bovinos, balançava a cabeça e franzia os lábios. Pouco mais de um minuto depois, me devolveu o projeto de pesquisa.

– Pode ficar com essa cópia, professor.

– Não, já li tudo.

– Sei que está apressado, leve-a.

– Você já tem orientador, jovem?

– Ainda não, professor.

– Boa sorte, então – disse ele enquanto dava tapinhas carinhos em minhas costas.

Estava sem orientador ou interlocutor para continuar a pesquisa com os “piranguinhos” do Bom Jardim; além disso, nunca fui um sujeito valente – bastante covarde, para falar a verdade. Na faculdade eu até tinha uns cacoetes marginais, mas, no bairro, eu não passava de um “mané”.

Caminhava preocupado pelos estreitos corredores das Ciências Sociais; o prazo era apertado. Não mais pesquisaria violência na periferia, movimentos sociais, questões LGBT, usuários

de drogas, torcidas organizadas e tantos outros temas comuns trabalhados por lá. Nenhum deles conseguia despertar minha imaginação sociológica.

Estava quase alcançando a saída, avistei uma colega de turma integrante do grupo de estudo e pesquisa Rastros Urbanos. Ela tinha olhos misteriosos e mansidão na fala.

– Oi, Fábio.

– Olá! Como estamos?

– Estou bem. E você?

– Não muito. Ainda não decidi qual será meu objeto de pesquisa. Sei que é cedo, mas gostaria de começar o quanto antes.

– Isso é bom. Estou pesquisando há um bom tempo. Dá para se concentrar melhor na escolha das leituras.

– Por enquanto, não tenho quase nada.

– E o projeto que você apresentou em Metodologia de Pesquisa?

– O projetinho?

– Sim – sorria enquanto falava “o projetinho”.

– Era só um projetinho. Não cheguei a visitar o bar do Zé do Caldo. Apenas entrevistei um amigo.

– Acredito que o “projetinho” pode se transformar em uma boa pesquisa.

– O “projetinho, gente” – falei enquanto gesticulava como um italiano –, não sei se daria certo. Não tenho orientador.

– Fala com a minha orientadora.

– Quem é sua orientadora?

– A Cristina.

– A Cristina? Ela está de licença faz tempo.

– Manda um e-mail para ela, com o teu “projetinho, gente”.

– Pensando bem, é... farei isso. Valeu!

– Por nada. Até mais.

– Até.

2

Tempos depois, recebi o e-mail de confirmação da professora Cristina. Ela informava-me que retornaria às atividades acadêmicas; queria uma reunião comigo em sua sala para discutirmos o projeto para a monografia.

– Fábio, você tem um bom projeto nas mãos, precisamos trabalhá-lo para que fique cada vez melhor.

– A senhora acredita que ele poderia vir a se tornar a minha futura monografia?

– O projeto é bom. Eu gostaria de ser sua orientadora. O que acha?

Antes que eu pudesse responder, fomos interrompidos pelo professor que eu procurara outrora. Ele não pediu licença, a sala da professora estava com a porta aberta, ele simplesmente entrou e disse:

– Jovem, tudo bem?

– Sim.

– Como está a sua pesquisa sobre “pirangueiros”?

– Desisti.

– Você já encontrou algum professor para te orientar? Caso queira, eu poderia te ajudar.

– Bem – falei –, acontece que...

– Ele já tem orientadora; sou eu. Inclusive, estamos em uma reunião de orientação agora mesmo. Se puder nos dar licença.

– Desculpem-me, sendo assim, já vou indo. Não quero atrapalhar mais. Boa sorte, jovem!

A professora listou algumas leituras para que eu pensasse sobre a pesquisa do bar do Zé do Caldo. Eu tinha que retornar à sua sala, dias depois, com uma resenha do texto “Monadologia e sociologia”, de Jean-Gabriel Tarde. Eu gostava muito do autor. Fiz um trabalho, no segundo semestre, sobre seu livro *A criminalidade comparada*; gostei bastante do texto.

- Fabio, tudo bem? Fez a resenha que te pedi?
- Tudo bem, Cristina! Fiz sim, mas não ficou muito boa.
- Por que não ficou?
- Não entendi quase nada que o autor falava. Tentei procurar caldo de carne no texto, nem sequer encontrei um talinho de coentro.
- Não era para encontrar o Zé do Caldo. O texto fala de outra época, outro país, outra forma de pensar. Não tem nada a ver com o Bom Jardim.
- Se não tem nada a ver, por que me pediu para ler?
- Para exercitar sua imaginação sociológica.
- Sério? Ela continua sedentária.

A próxima tarefa que eu precisava realizar seria uma visita ao bar do Zé do Caldo, e também entrevistar alguns frequentadores, assim como o proprietário do local, o senhor José Maria Uchôa. Para isso, pedi ajuda a meu amigo Cícero Alexandre, que trabalhou no restaurante do Zé do Caldo durante alguns anos quando era adolescente.

Conheci José Maria Uchôa numa tarde de sexta-feira. Alexandre e eu estávamos a caminho de um compromisso. Passamos por lá. Combinamos retornar na manhã seguinte, com todo o equipamento para fazer as entrevistas.

Na data em questão, chegamos por volta das nove da manhã, era o horário em que o movimento diminuía um pouco, e os frequentadores cativos sempre estariam por lá, conversando.

Levamos torre de iluminação, tripé, câmera filmadora, câmera fotográfica, prancheta com folhas de solicitação de uso de imagem, caderneta e caneta para anotações. Só me faltavam um colete cáqui e um *headphone* para que eu ficasse mais parecido com um produtor artístico de filmes de comédia.

Era perceptível o desconforto gerado com minha presença. Eu simplesmente adentrei o local, como se fosse meu, e tentava impor minha vontade. Fazia imagens, perguntas, pedia respostas. Nada fluía. Tanto o proprietário do bar quanto seus amigos frequentadores demonstravam desinteresse em continuar com

aquilo. Eles eram educados e prestativos, mas a experiência não foi nada agradável.

Fomos embora com algumas imagens, poucas anotações e uma grande decepção com a pouca qualidade do trabalho desenvolvido. Conversamos sobre isso no caminho de volta para casa.

– Eu te falei, Fábio. Não era para chegar daquele jeito, com todo esse equipamento, fazendo um monte de perguntas. Eles estavam sendo sufocados.

– Queria que tivesse dado certo.

– Você percebeu aqueles homens? Eles estão todos os dias lá. A maioria nem sequer bebe. Eles querem se encontrar, rever os amigos, conversar. Você chegou com muita velocidade. Desse jeito não funciona.

– O que devo fazer?

– Vá lá amanhã, como cliente. Tome um caldo. Puxe assunto.

– Farei isso.

No dia seguinte, fui até o bar do Zé do Caldo. Eu queria me aproximar um pouco mais daquelas pessoas. Pedi um caldo. Fui muito bem servido por José Maria.

– O Alexandre não veio?

– Tem um compromisso para daqui a pouco. Não virá.

– E o trabalho? Deu certo?

– Bem, não ficou muito bom. Eu esperava mais interação.

– O povo que vem aqui não está acostumado com essas coisas não. Se você vier aqui por vezes, talvez eles se soltem mais.

– Virei mais vezes. Sempre que possível.

– Você quer algo mais? Cerveja, refrigerante, água?

– Não, Seu Zé, muito obrigado. Quanto custa o caldo?

– Pode deixar, nada não.

– Como assim? É o seu trabalho, aceite o dinheiro, por favor.

– Não, deixe quieto. Você é amigo do Alexandre, não é?

– Sim, sou.

– Não precisa pagar o caldo.

– Por quê?

– Aqui, em meu restaurante, amigo meu não paga conta, e amigo de amigo meu também não.

– Não insistirei. Obrigado e até mais!

Passei a frequentar o bar do Zé do Caldo, ou restaurante, como o senhor José Maria costuma dizer, com mais frequência. Trabalhava, à época, no período da manhã. Chegava à minha casa por volta das quinze horas. Descansava um pouco para, no final da tarde, visitar o local de minha pesquisa.

– Boa tarde, seu Zé.

– Opa! Boa tarde, meu filho. Tudo bem?

– Estou ótimo.

– Graças a Deus! Você aceita um chazinho de capim-santo?

– Chá?

– Sim. Não faça café à tarde. Atrapalha o sono. Quando é hora de dormir, ninguém dorme.

– Aceito sim, obrigado!

De início eu era apenas mais um cliente. Ficava sentado em uma cadeira modesta, disposta na calçada, na companhia de homens que tinham o triplo de minha idade. As conversas eram sempre prazerosas. Eles já permitiam minhas intervenções. Respeitavam minhas opiniões e comentavam em minhas discussões.

Às vezes eu trocava meu horário de trabalho para poder ir até o bar no período da manhã. Geralmente eram os mesmos homens que proseavam à tarde. Aqueles que mais recordo eram: Zequinha da Mata, Cezinha, Goió, Vavá, João e Manoel Messias.

– Rapaz – falou Manoel Messias –, aproveitando que você é estudante, me diga uma coisa...

– Sim.

– Meu filho estava preso, mas agora foi solto. Ganhou condicional. O auxílio que eu recebia, será que vai ser cortado?

– Seu Manoel, eu não entendo muito sobre auxílio-reclusão.

– É esse o nome?

– Acredito que sim.

– Não entendo muito sobre o assunto. Penso que o auxílio do senhor será cortado sim.

– Está ouvindo, Zé? O sem futuro do meu menino podendo ficar lá, onde estava, aceitou sair. Agora eu vou ficar sem dinheiro.

– Ele saiu quando, seu Messias?

– Ontem. Eu estava em casa, quando dei fé ele apareceu no portão. Eu falei: “por que você não ficou onde estava, ‘condenado’?”.

Conversávamos sobre assuntos variados: enterro de gente pobre no presente e no passado, a técnica do limão para detectar DST em prostitutas, a precariedade no bairro nos tempos das invasões de terra, memórias da infância e muitos outros temas. Eu gostava bastante de ouvir os “causos” do Zequinha da Mata; ele era um contador de história nato. À época, ele sofria com problemas de saúde; diabetes e catarata eram os piores. Quase cego, reconhecia as pessoas no bar apenas pela voz. Eu era mais uma voz, uma bem curiosa.

Pouco mais de um ano após minha formatura, encontrei Zequinha da Mata em um bar. Ele estava tomando cerveja, rodeado de amigos. Todos estavam se divertindo com as narrativas de suas aventuras, “do tempo em que ele era vivo”, como ele costumava dizer. Eu estava sentado na mesa ao lado da dele, ele não me reconheceu, afinal, eu não era um rosto recordável para ele. Eu era apenas uma voz.

Para finalizar a pesquisa, passei a visitar o bar de duas a três vezes por semana. Em algumas oportunidades eu não estava nem um pouco interessado em pesquisar, queria apenas ficar por ali, como quase todos aqueles homens faziam, procurando uma boa conversa para distrair, para ver o tempo passar. Fingia entrevistar, mas não levava comigo uma folha sequer.

Esperei o tempo passar no bar, ele passou, um tanto quanto rápido. Todos estavam habituados à minha presença, não se importavam mais com a câmera posicionada próximo ao balcão. Eles sabiam que estavam sendo filmados e pediam para os demais frequentadores ajudarem com a pesquisa.

– Irmão, fala algumas coisas para o rapaz – disse Goió –, ele está fazendo um trabalho para a faculdade.

– É para dizer o quê?

– Qualquer coisa. Conta sua história aqui no bairro.

– Irmão. Qual seu nome, irmão?

– Fábio.

– O mundo está acabando, irmão. As pessoas precisam se arrepender. Temos que aceitar o amor de Deus.

– Não é para falar essas coisas não, irmão – disse Goió.

3

Era manhã de sábado, havia combinado com o Goió que compareceria ao bar para entrevistar o Batista, presidente do primeiro time de futebol amador do bairro, o Jardim Paulista Futebol Clube, carinhosamente apelidado de “Punho de Rede”.

A noite anterior foi bem intensa. Bebi e fumei bastante com meus amigos. Estava rouco devido à fumaça quente tragada. Estava com uma aparência lamentável, pouco dormi; a ressaca me lembrava, a cada bocejo, a cada pontada em meu cérebro, o porquê de não beber tanto, até quase nascer o dia, quando se tem compromisso cedo. O senhor José Maria tentou ajudar.

– Você está doente, rapaz?

– Não, seu Zé, estou bem. Um pouco de sono, mas estou bem.

– Está rouco. É gripe?

– Acredito que não.

– Vou lá dentro preparar algo para você.

– Não precisa. Daqui a pouco o caldo fará efeito.

Minutos se passaram. O senhor José volta da cozinha com um copo, do tipo “americano”, com a mistura de mel e limão espremido. Ele informou que aquele remédio ajudaria a curar minha “gripe”.

Tempos depois, levei meus colegas do Rastros Urbanos até o bar do Zé do Caldo. Tudo estava combinado. O bar estava orga-

nizado, o caldo bem quente, já passava das nove da manhã. Fomos, como de costume, muito bem servidos: caldo, pães, água. O senhor José, após terminarmos a refeição, trouxe sua coleção de recorte de jornais e revistas. Ele costumava mediar os assuntos com os que estavam ali presentes baseado nos possíveis interesses de cada um. Éramos três estudantes e uma doutora. Quando chegou a hora de pagar a conta, ele não quis cobrar por nada. Insisti.

– Aceite, seu Zé. Sei que o senhor não cobra nada pelos caldos que tomo aqui, mas estamos em quatro. É um valor a ser considerado.

– Deixe com “Miguel”.

– Me deixe pagar, pelo menos essa vez.

– Aqui no meu bar, amigo meu não paga conta, e amigo de amigo meu também não paga nada.

Finalmente entendi que a relação estabelecida, há muito tempo, no bar, entre Zé do Caldo e seus frequentadores nunca foi apenas pelo dinheiro. A amizade significava muito mais para ele. Eu era, agora, um amigo naquele lugar. Precisava respeitar isso. Minha pesquisa, as visitas que fiz ao local, tantas interações, tudo que se passara até ali... Tantas coisas que deixaram rastros, impossíveis de apagar.

O manguiá de uma pesquisa

Mário Luís Moreira Silva⁷

Manguiá é uma terminologia que indica o ato de pedir nas ruas, praticar a mendicância, seja por valores monetários, produto material ou algum benefício, realizado com ou sem o uso da fala e com o corpo, a fim de enfatizar a condição de miserabilidade, provocando o convencimento do ouvinte, para que este oferte o donativo.

Em 2017, findei uma pesquisa sobre as estratégias que pessoas em *situação de rua* adotavam para manter a integridade física e psíquica ao perambular e habitar as ruas do Centro de Fortaleza (CE). A investigação, que durou mais de cinco anos, teve como foco pessoas em *situação de rua*, subcategoria de indivíduos em *situação de vulnerabilidade social*, e observou aquelas que residem nos logradouros públicos, que passam por denominações pejorativas, es-

⁷ Realizou a pesquisa *Manguiá: estratégias e táticas de sobrevivência das pessoas em situação de rua de Fortaleza-CE*, como monografia de graduação em Ciências Sociais, 2017, na Universidade Federal do Ceará. Atua particularmente nas áreas de antropologia urbana, sociologia do esporte e práticas desviantes e marginais. Atualmente, trabalha com os temas: população de rua e suas estratégias de sobrevivência, estratégias e táticas de pesquisa do antropólogo urbano em pesquisas com ênfase nas práticas desviantes e marginais.

tigmatizações e também exclusões, mas sobrevivem e criam mecanismos para se desvencilhar das adversidades do cotidiano.

Outro fruto da pesquisa foi uma análise sobre as metodologias que utilizei para dar continuidade à investigação, desde o primeiro momento, do pensamento e indagação sociológica, até a apresentação da monografia – *manguiá*.



Fonte: imagem do acervo pessoal.

Pautado na obra *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau, aproprio-me de conceitos como caminhadas, estratégias e táticas, que se apresentam como pilares teóricos, guias para uma prática efetiva na condução da pesquisa. São também uma possibilidade de narrativa para expor os encontros entre pesquisador e pesquisado – mais que isso, os desencontros que, por vezes, deixavam apenas rastros de experiências. No trabalho, indico quatro categorias analíticas que considero essenciais à sobrevivência do ser humano: o repouso (dormir), a higiene (banhar-se e realizar as necessidades fisiológicas), a alimentação (formas de realização e práticas alimen-

tares), e por fim, porém o fundamento de tudo, não morrer (os meios e as soluções para sobressair de situações de violências e conflitos).

Naquele momento, estar em contato com pessoas em situação de rua me levou a reconhecer outra Fortaleza, uma cidade feita com ações e usos por pessoas que muitas vezes são esquecidas, ignoradas e excluídas. Dialogar e conviver com pessoas em situação de rua me proporcionou aprender a enxergar a cidade que está em constante construção, não por ruas e arquiteturas, mas por espaços e significados que as pessoas dão a esses lugares.

Foram as observações, conversas e vivências que me proporcionaram um contato e conhecimento mais profundo sobre a temática estudada. Não descarto a riqueza dos trabalhos já publicados, mas foram essas experiências que me deram ciência de práticas mais eficazes e eficientes. No trabalho, exponho e analiso cada ferramenta metodológica utilizada.

Considero que, após os cinco anos em que permaneci pesquisando, apresentei apenas 10% do que observei e analisei, mesmo para uma monografia, Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará – UFC. Ainda assim, não conseguir expor muito do que havia aprendido e apreendido.

Muitas das observações que realizamos em pesquisa não geram uma reflexão, e nem todas as meditações que fazemos sobre elas se tornam recortes da pesquisa; um estudo é feito de escolhas e rejeições. Já em 2017, eu observava que desdobramentos de meu campo eram inéditos para mim.

Não tenho atualização de dados específicos, ou dados estáticos que reforcem ou contestem algumas observações superficiais, mas, pontualmente, identifico alguns fenômenos que causam mudanças nos espaços de concentração de pessoas em situação de rua e nas ruas.

Uma dessas mudanças ocorre em 2018, quando a cidade de Fortaleza passou pelo primeiro grande momento de ataques violentos, fruto de conflitos entre os grupos criminosos que atuam dentro e fora de presídios. Foram vários ônibus queimados e uma

grande mobilização das forças de segurança para coibir e “dar” uma resposta à sociedade. Entretanto, o conflito declarado entre as diferentes siglas de grupos organizados já promovia danos aos alencarinóis há mais tempo. São inúmeros os casos de pessoas que foram expulsas de suas residências ou ameaçadas por lideranças locais que dominam o território. Para não morrer, muitas passam a levar uma vida de anonimato, sem identificação ou localização fixa. O aumento no número de famílias é significativo, e a quantidade de mulheres e crianças é particularmente evidente.

Em 2019, a crise econômica nacional gera grandes efeitos. Os resultados são sentidos em vários setores do comércio, da indústria e dos serviços; a segurança, a saúde e a educação passam por constantes perdas por conta de uma má gestão do poder Executivo, e, conseqüentemente, as camadas sociais mais sensíveis são as que mais sofrem. Nas ruas, o aumento na população em situação de rua é evidente para todos que circulam pelo Centro ou proximidades. Com esse crescimento, os locais que antes eram pontos de concentração noturnos agora possuem a presença contínua de famílias e seus papelões.

Se a crise econômica provocou aumento no quantitativo de pessoas em situação de rua, os últimos meses de 2019 ainda guardariam mais uma notícia especialmente triste para as pessoas em situação de vulnerabilidade social: a descoberta do novo coronavírus, responsável pela covid-19, doença infecciosa que pode ser transmitida por meio de gotículas geradas quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou exala.

Em março de 2020, o número de infectados e de internados com quadro grave em hospitais, bem como de mortes, aumentou desenfreadamente. A fila de pessoas à espera de uma vaga em UTIs impressiona. Com isso, alguns governadores tomam medidas radicais para evitar o aumento da contaminação entre as pessoas. São publicados os primeiros decretos estaduais que visam a manter o isolamento social e o distanciamento entre as pessoas. A circu-

lação de transeuntes pelas ruas fica restrita e algumas atividades ficam proibidas.

As medidas cautelares objetivavam priorizar a atenção com a manutenção da saúde, porém essas resoluções geravam efeitos colaterais, e vários afetavam diretamente as pessoas em situação de rua: doações de comidas e produtos de higiene realizadas por pessoas e voluntários de organizações não governamentais (ONGs) ficaram temporariamente suspensas; algumas instituições interromperam seus trabalhos e deixaram de prestar alguns serviços básicos a essas pessoas em situação de vulnerabilidade; alojamentos noturnos deixaram de oferecer dormitórios.

Com a suspensão de algumas atividades comerciais, industriais, de serviços e outras, vários postos de trabalhos ficaram parados, profissionais autônomos deixaram de trabalhar, deixaram de honrar suas dívidas, o número de desempregados aumentou, e foi questão de tempo, meses, para os trágicos resultados surgirem nas ruas: desempregados e famílias afetadas pela pandemia e pela economia fragilizada acabam indo morar em acomodações improvisadas de papelões sob marquises do Centro.

Foram cinco anos pesquisando pessoas em situação de rua no Centro de Fortaleza. E, cinco anos após a apresentação da monografia, percebo que nada mudou: as dificuldades continuam, as dinâmicas pela sobrevivência ainda são a rotina de quem não tem uma moradia fixa. Se o mundo passa por crises na economia e por uma pandemia, vive-se uma situação difícil; mais difícil ainda, contudo, é ver quem passa por isso e está nas ruas. Só resta *manguirá*.

Juventudes e práticas leitoras

o que essa relação revela?

*Josiara Gurgel Tavares*⁸

Este texto baseia-se no resultado de uma pesquisa apresentada no ano de 2017 ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). O estudo procurou perceber os sentidos assumidos pelas práticas leitoras de jovens de duas escolas públicas de Fortaleza (CE), que leem literatura por iniciativa própria, a saber: o Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente (CAIC) Maria Alves Carioca e a Escola de Ensino Fundamental e Médio Doutor César Cals. Para isso, busquei identificar os textos literários lidos pelos jovens, os elementos de caráter subjetivo-social que mobilizam os interesses literários, assim como conhecer as práticas de leitura literária realizadas por eles fora do ambiente escolar.

⁸ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN). É mestre em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Pesquisa de dissertação de mestrado: *Entre o literário e a vivência social: juventudes e práticas leitoras na contemporaneidade* (2017).

A literatura é abordada dentro de uma perspectiva plural, contemplando diferentes gêneros, atos, gestos, como prática construída socialmente, continuamente afetada pelas mudanças sociais. A pesquisa amparou-se em referenciais teóricos apresentados por Roger Chartier para questões relativas às práticas de leitura; em questões concernentes às juventudes aportadas pelo sociólogo José Machado Pais e pelos educadores Juarez Dayrell e Paulo César Carrano; e em estudos de Michel Maffesoli para fundamentar as análises sobre as relações construídas na contemporaneidade por meio da noção de socialidade. A ideia de conversação se apresentou como método nesta pesquisa, manifestando-se nas palavras livres – e até silenciadas – surgidas tanto nos encontros casuais com os jovens nos corredores e nas bibliotecas das escolas, quanto nos encontros programados em formato de rodas de conversa e entrevistas narrativas. O entrecruzamento dos saberes teóricos e empíricos apontou neste estudo uma multiplicidade de práticas leitoras e de experiências dos jovens com a literatura que exprimem relações de alteridade diante dos textos que leem, encontrando sintonia com a complexidade do que vivenciam.

Práticas leitoras: o que leem e como leem os jovens?

Realizar estudos que envolvem “livro” e “leitura” na contemporaneidade requer contemplar dimensões que vão além da publicação em papel e dos espaços físicos destinados a essa prática, como bibliotecas e livrarias. É preciso também observar convenções a partir das quais as novas práticas e suportes de leitura foram se instalando, ressignificando as relações entre o leitor e os textos.

Este estudo intencionou perceber as singularidades que marcam as situações de leitura de jovens alunos das duas escolas públicas de Fortaleza mencionadas acima – entendidas como rastros de experiências pessoais e coletivas –, norteado pelas perguntas: “o que os jovens leem”, “como leem” e “por que leem o que leem”?

Dessa forma, busquei contemplar o “quê” a partir de duas listas de livros mencionados pelos jovens e o “como” a partir das conversas coletivas ocorridas em formato de rodas de conversa e de entrevistas narrativas com os jovens. As listas foram construídas em dois encontros com os jovens. No primeiro momento, os jovens foram convidados a escrever em um papel o nome de uma obra marcante. Vários jovens escreveram o nome de mais de um título, o que resultou em uma lista de 86 livros. A segunda lista, com 36 títulos, constou de nomes de livros que estavam sendo lidos pelos jovens e foi construída durante o segundo encontro, na primeira roda de conversa. A partir dos nomes das obras, realizei uma busca nos sites da Livraria Cultura, da Livraria Travessa e da Saraiva por informações referentes a autor, país de origem, gênero(s) e temática(s), pois uma análise aprofundada do repertório temático dos livros mencionados demandaria um tempo que este estudo não dispunha.

Considere importante sistematizar o resultado da busca acima relatada, optando pela centralidade dos temas. Registre os temas com maior recorrência nos gêneros mais mencionados na Tabela 1.

Tabela 1 – Síntese dos temas recorrentes nas obras “marcantes”

Gênero	Temas recorrentes
Romance	Amor, superação, família
Leitura fantástica	Anjos / deuses, disputa ente o bem e o mal
Ficção	Ameaça, apocalipse
Literatura de autoajuda	Superação, vida após morte

Fonte: elaborada pela autora.

A pergunta que se impõe é: por que esses temas despertam mais interesse nos jovens e não outros? Uma primeira leitura sugere alguns indicativos: (i) a maioria dos textos está dentro da produção ampliada do mercado editorial; (ii) a maioria das experiências leitoras desses jovens está fora das classificações do que o cânone literário define como literatura legítima; (iii) muitos textos relatam cotidianos e dilemas adolescentes e juvenis que penso apresentarem-se como atrativos para esse público. Analisando a relação dos

jovens com a leitura na contemporaneidade, Luís Ceccantini (2016), pesquisador especialista em literatura infanto-juvenil, afirma:

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades (Ceccantini, 2016, p. 89).

Ceccantini (2016) faz uma análise considerando, principalmente, os aspectos mais objetivos e sociais, mobilizadores dos interesses literários. Além desses, o nosso estudo busca contemplar aspectos subjetivos que influenciam nos interesses literários dos jovens.

Seguindo a mesma lógica de sistematização da primeira tabela de livros indicados pelos alunos com opção pela centralidade dos temas, registrei os três temas com maior recorrência nos gêneros mais mencionados acima, resultando na composição da tabela abaixo.

Tabela 2 – Síntese dos temas recorrentes nas leituras das obras atuais

Gênero	Temas recorrentes
Romance	Amor / paixão / romance, mistério, poder
Leitura fantástica	Amor /paixão / romance, aventura, apocalipse / profecia
Ficção	Poder, amor / paixão/ romance, ameaça, apocalipse

Fonte: elaborada pela autora.

Comparando as Tabela 1 e 2, alguns elementos se repetem: a maioria das obras compõe o circuito da grande produção de mercado; predomínio de títulos da literatura estrangeira; destaque para os gêneros romance, ficção e fantasia; a grande diversidade de obras com possibilidade de acesso gratuito, disponíveis para *download*

pelo site de pesquisa Google ou por bibliotecas virtuais, conforme as narrativas dos jovens.

As temáticas abordadas nas obras apresentadas pelos jovens apontam indícios sobre assuntos de interesse dos jovens, que parecem contemplar, principalmente: o campo do afeto, com histórias que abordam temas como amor, paixão, família, amizade; o campo do medo do que está por vir, manifestado pelo interesse nas histórias que tratam de profecias e apocalipse; e o campo do poder, pela centralidade de enredos sobre disputa de poderes em mundos da ficção e no mundo real. Esses dados podem ser entendidos como pistas que foram associadas às conversas e narrativas dos jovens.

Um elemento curioso é a menção recorrente às obras da saga *Harry Potter* como marcantes entre os jovens das duas escolas durante o primeiro encontro. No entanto, essa saga não aparece como leitura atual, o que permite depreender que *Harry Potter* é uma obra importante do histórico de leitura juvenil, mas que, no momento, não é lida, reforçando a percepção de que as obras marcantes podem estar associadas à memória da infância, da pré-adolescência ou da adolescência.

Apesar de a literatura brasileira não se apresentar como preferência entre os jovens, eles manifestam percepções críticas com relação ao seu distanciamento dessa literatura. Foram apresentados como indicativos: a linguagem utilizada pelos autores nacionais – referindo-se às obras clássicas; a pouca divulgação das obras da literatura brasileira; os temas tratados pelos autores como “de pouco interesse para os jovens”.

Mesmo suspeitando da pouca aproximação desse grupo de jovens com a literatura brasileira contemporânea, esse dado comunica um aspecto importante para esse estudo, já notado por Chartier (1996): “cada época constitui seus modelos e códigos narrativos e [...] no interior de cada momento existem códigos diversos, segundo os grupos culturais”. Portanto, uma literatura que contemple elementos sobrenaturais e magia parece fazer parte do universo de expectativas de alguns jovens na contemporaneidade.

Não se pode esquecer outro aspecto situado no campo da produção mercadológica, como aponta Chartier (1996, p. 238): “é possível que se leia quando existe um mercado no qual possam ser colocados os discursos concernentes às leituras”. São incomparáveis o investimento e a divulgação da grande literatura estrangeira em relação aos da literatura brasileira. Observa-se uma grande exploração midiática que estende a ficção literária estrangeira para além dos textos, o que pode se apresentar como um condicionante nas escolhas das leituras por esse público. Refiro-me às adaptações cinematográficas baseadas em produções literárias, lançadas após a chegada dos livros ao mercado e, junto a essas, toda uma publicidade veiculada na televisão, nas redes sociais, nas telas do cinema e até na disponibilidade de objetos e acessórios pessoais à venda.

Porém, não são apenas as grandes produções a ocuparem espaços na mídia que atraem os jovens da pesquisa. Encontrei leitores de “autores brasileiros vivos” que enxergam a internet como meio de divulgação dos seus trabalhos, publicam seus textos em plataformas de leitura digital ou em grupos de leitores e ainda constituem uma relação íntima com seu público na rede. Outra singularidade encontrada foi uma jovem que tem preferência pela literatura asiática e diz que aprendeu a gostar dessa literatura com a mãe. É com ela que compartilha suas leituras.

Essas narrativas mostram a diversidade de obras voltadas para o público juvenil na atualidade, possibilitando um repertório amplo de escolhas que outras gerações não tiveram. Analisando o crescimento de títulos destinados aos jovens no Brasil, Failla (2014) lembra que, há pouco tempo, a literatura juvenil não se diferenciava da literatura adulta e que hoje os editores antenados, principalmente, com o fenômeno de venda da literatura juvenil, investem na busca de autores e títulos que atendam aos interesses genuínos dos adolescentes e jovens (Failla, 2014, p. 82).

Ceccantinni (2016) considera simplificadoras as análises que relacionam o crescimento de leitores jovens no país apenas à expansão da produção editorial e diz que há que se considerar que

existe um movimento de mútua influência nesse campo: “O mercado produz muitos livros porque há jovens que os leem, e os jovens leem muito mais livros porque o mercado apresenta uma ampla e variada produção” (Ceccantini, 2016, p. 88-89).

O que vem se percebendo é que a leitura encontra-se no conjunto de práticas culturais no qual o jovem contemporâneo está mergulhado, isto é, a leitura praticada por eles vai além do envolvimento com a obra e sua trama, apresenta-se como espaço de socialização por meio das comunicações estabelecidas nos meios eletrônicos pelas redes sociais – ponto de encontro entre leitores, autores e comentadores das obras – ou mesmo nos encontros presenciais, como feiras de compra e troca de livros, bienais do livro, eventos de *cosplay* e outros.

Suportes e maneiras de ler

As conversas apontam que esses jovens leitores são praticantes da leitura silenciosa, que, diferente do que muitos pensam, não surgiu com a invenção do impresso com o alemão Gutenberg, no século XV. Os trabalhos mais recentes apontam que esse tipo de leitura já era praticado por leitores letrados e cultos pertencentes aos séculos VI ou V a.C (Chartier, 2001, p. 38-39).

A leitura silenciosa possibilitou o surgimento de um novo leitor praticante da leitura solitária. Por isso, foi associada à superficialidade e à rapidez, por permitir o contato direto entre leitor e texto, e, por favorecer a livre interpretação, foi acusada de perigosa. Se os jovens desta pesquisa buscam um retiro para realizar suas leituras, estas, no entanto, não são realizadas no completo isolamento. Entenda-se essa expressão na sua ambiguidade: tanto no sentido de ler um livro e não se restringir a ele, quanto no de ler um livro na solidão e não apenas para si mesmo (Ceccantini, 2016, p. 89). Os jovens leem, compartilham, comentam sobre suas leituras e recriam-nas nas redes.

No tocante aos suportes de acesso aos textos pelos jovens, dados desta pesquisa suscitam pensar que, se a impressão de obras em papel barato e capa brochada na segunda metade do século XIX contribuiu para a popularização do livro, permitindo que esse objeto extrapolasse suas tradicionais fronteiras socioeconômicas no Brasil (El Far, 2014, p. 52), neste início de século, é a disponibilidade das obras para leitura digital o fator responsável pela ampliação do acesso das camadas populares à prática da leitura. Embora os jovens tenham grande acesso à leitura do livro pela tela do eletrônico, a leitura pelo livro físico é também praticada entre os participantes desta pesquisa, e a emoção ao falar desse suporte configura-o como um objeto de desejo.

A maioria dos participantes se revelou um “leitor moderno”, ávido pela literatura aqui apresentada, como demonstram falas como: “Já li um livro em uma noite” ou “Quando começo, não quero parar...eu devoro!” É uma leitura extensiva que os jovens praticam, caracterizada como “o ato de ler um número amplo de textos de modo rápido, pouco profundo e muitas vezes, ávido” (Galvão, 2014).

Chartier (1998) revelou que, no século XVIII, conviviam leitores de um tipo antigo, que reliam mais do que liam, e leitores modernos, que agarravam com avidez as novidades, novos gêneros, novos objetos impressos (Chartier, 1998, p. 92). Esse mesmo contraste se registra entre os leitores desta pesquisa, que, embora agarrem com avidez seus textos, ainda praticam a leitura intensiva: os jovens indicam ler a mesma obra mais de uma vez, o que revela que diferentes modos de ler podem coexistir no mesmo tempo e espaço.

Agregando pistas: os sentidos das leituras

As obras mencionadas pelos jovens como “marcantes” e “atuais”, durante as conversas e narrativas produzidas nesse percurso, apontam algumas confluências que podem ser entendidas como pistas para motivar determinadas leituras dos jovens, sendo:

i) a importância dos laços familiares e amicais e o interesse pelas temáticas que envolvem tensões, dilemas, cotidiano adolescente e familiar; ii) experiências religiosas / espirituais ou inquietações existenciais e o interesse por temas ligados ao cristianismo / evangelismo / espiritismo e autoajuda; iii) a “desfuturização” e a temática do medo do que está por vir, representadas por histórias que discutem apocalipse, profecias, poderes sobrenaturais e a luta entre o bem e o mal. Embora os aspectos tenham sido apresentados separadamente, o cotidiano mostra-os imbricados.

Ao analisar as relações sociais contemporâneas, Maffesoli (2002) relaciona o domínio do afeto nas famílias plurais e nos amores sucessivos e efêmeros – acrescentaria os laços amicais constituídos nas redes – a uma ambiência que não favorece a preocupação com o dia seguinte (Maffesoli, 2002). O teórico chama essa postura de “afrontamento do destino” e a vê como marca que fundamenta as relações com os outros e com o mundo na contemporaneidade.

Essa marca social é tratada por Pais, Lacerda e Oliveira (2006; 2017) como “desfuturização”, a qual, questionando as implicações sociais da “presentificação”, tão marcante nas culturas juvenis contemporâneas, aponta como possibilidade a perda de vista dos horizontes do futuro e das memórias sociais do passado (Pais; Lacerda; Oliveira, 2017, p. 306).

Se, por um lado, as relações estão mais fluidas e efêmeras, por outro, neste estudo, manifestou-se uma aparente necessidade de “estar-junto”, o que confere à prática leitora uma nova configuração: “ler com o outro”. A leitura que predomina continua sendo silenciosa e acumula uma ambiguidade: ela é individual e socializada. Há uma necessidade de compartilhamento, e os ambientes para essa prática são múltiplos, configurando-se, principalmente, no espaço virtual onde os jovens comentam suas leituras, criticam os enredos, reinventam as histórias, mostrando como marcas desse tempo o dinamismo e a criatividade no vivido.

Maffesoli (2006), ao tratar do fenômeno “estar-junto”, afirma que este é produzido em ambiências que pontualmente podem ser

frágeis, mas que, no momento, são de forte envolvimento emocional. Nesse sentido, o “eu” parece ser uma frágil construção nesse espaço globalizado que precisa ser notado, “enganchado” em outro ou em espaços de fusão grupal e, ao mesmo tempo, efêmero. Esse outro pode ser Deus, a família, os amigos, os mitos...

Depreendo, dessa forma, que as relações dos jovens com a prática leitora ocorrem em virtude de esta ser um componente da cultura que permite socializações, sendo o meio virtual uma marca do cotidiano juvenil, lugar por excelência de encontro com o mundo literário. Além da possibilidade de fusão, a literatura parece ser um espaço de diálogo dos jovens sobre aspectos de uma contemporaneidade movediça, marcada por socialidades imediatas, efêmeras e inconscientes.

As narrativas dos jovens pelo mundo literário não confundem ficção e realidade, mas apontam para uma articulação entre o imaginário e o real. Mais do que sentidos, os leitores produzem uma multiplicidade de experiências que exprimem relações de alteridade diante dos textos e que, mesmo quando não lhes representam, produzem reflexões sobre a vida.

Considerações finais

O que este estudo encontrou aponta para um cenário no mundo da literatura juvenil movido por uma pluralidade de práticas leitoras, em que se imbricam títulos da literatura nacional e estrangeira. Porém, foram títulos da literatura norte-americana e inglesa que mais figuraram como leituras marcantes e atuais entre os jovens. Muitos livros citados nesta pesquisa fazem parte da produção ampliada do mercado editorial, que estende a ficção para além dos textos.

No tocante ao acesso aos textos de interesse, os relatos dos jovens – no geral, detentores de poucos recursos financeiros – indicam que eles acionam um conjunto de estratégias para consegui-los, sendo as mais recorrentes: baixar os livros em seus celulares; pedir

títulos emprestados a amigos, familiares e em bibliotecas escolares; visitar livrarias para conhecer as obras e depois realizar buscas pelo acesso gratuito na internet; participar de grupos em redes sociais de compra e troca de títulos.

Os relatos confirmam que a leitura produz deslocamentos, subversões, mobilizam experiências subjetivas e sociais do leitor e parecem apontar para confluências entre as disposições do autor, do leitor e os códigos de um tempo social. Relações sociais mais fluidas e efêmeras e, ao mesmo tempo, uma necessidade de “estar-junto”; experiências espirituais, religiosas institucionalizadas e não institucionalizadas; “desfuturização” ou uma aparente ausência de horizontes futuros apareceram como códigos de uma época ou marcas do universo dos jovens desta pesquisa, em que a literatura atravessa essas vivências como lugar de escuta, de diálogo, de socialização, de sintonia com a complexidade do que vivem.

Referências

CECCANTINI, Jorge Luís. *Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. Retratos da leitura no Brasil*, Rio de Janeiro, v. 4, 2016. p. 73-98.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

EL FAR, Alessandra. O bom negócio do livro no século XIX. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 17, p. 48-55, 2014.

FAILLA, Z. Retratos de um jovem leitor. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 17, p. 76-94, 2014.

GALVÃO, A. M. O. Leitura intensiva. *In*: FRADE, I.; VAL, M.; BREGUNCI, M. (org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. p. 175-176. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 14 ago. 2017.

MAFFESOLI, Michel. Utopias e divino social. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 4, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PAIS, J.; LACERDA, M.; OLIVEIRA, V. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pensadores em educação – uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*. Curitiba, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017. Disponível em: Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. Acesso em: 30 ago. 2017.

O granito e o arco-íris

uma análise interdisciplinar e biográfica da cidade em *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf

Leo Costa⁹

Esse texto tem como proposta uma apresentação concisa de um trabalho de maior fôlego, realizado como requisito para a obtenção do grau de bacharel em 2021. Nele, construí uma análise interdisciplinar e biográfica da cidade no romance *Mrs. Dalloway* (1925), da autora inglesa Virginia Woolf (1882-1941). A pesquisa tomou Londres, onde o enredo se desenvolve, para abordar questões presentes na obra. Para isso, tive como arcabouço a obra original, os escritos não ficcionais de Woolf, teorias sociais clássicas e contribuições contemporâneas que poderiam aprofundar as problematizações levantadas.

⁹ Leonardo Costa da Silva. Monografia de Graduação em Ciências Sociais, *O granito e o arco-íris: uma análise interdisciplinar e biográfica da cidade em Mrs. Dalloway de Virginia Woolf*, 2021.

Parti então das considerações feitas por Roland Barthes (2001), que classifica a cidade como uma escrita e seus usuários como leitores. Estes traduzem seus elementos tendo como referencial sua própria experiência urbana. Apropriei-me também de autores como Georg Simmel, Michel Foucault, Yi-Fu Tuan, Sigmund Freud e Walter Benjamin.

Para analisar as biografias lidas, tomei o que Suely Kofes (2011, p.14) chamou de “a experiência de um sujeito”. Para Kofes (2011), interessa não apenas a reconstituição de uma vida, mas sua compreensão. Adotei, então, os mesmos direcionamentos, empregando à noção de trajetória as características de transformação incessante e a vinculação a outros agentes no campo analisado. A atitude se faz necessária, pois, como notei no desenvolvimento da pesquisa, as biografias de Virginia Woolf não ambicionam e nem conseguem construir uma representação definitiva de sua vida. Mesmo ao escrever sobre si, Woolf encontrou dificuldades para elaborar suas memórias sem interferências das temporalidades, de seus humores e até mesmo de sua imaginação, que frequentemente alterava a realidade.

Para começar a entender como a cidade desempenha funções primordiais em *Mrs. Dalloway*, fez-se necessário conhecer um pouco mais das dinâmicas privadas daquela época, mais especificamente as que aconteciam no endereço 22 Hyde Park Gate, endereço de Virginia Woolf. Futuramente, Woolf escreveria que viviam sob o mesmo teto duas gerações explicitamente opostas, sem que houvesse um moderador que amortecesse os atritos. Sobre seu pai, a autora escreveu:

Nós não éramos suas filhas, éramos suas netas. Deveria ter existido outra geração no meio para amortecer o atrito. Por esse motivo nós percebíamos tão agudamente, quando ele explodia, que seu comportamento era de certo modo ridículo. Nós o olhávamos com olhos que miravam o futuro. O que vemos era algo tão óbvio hoje para qualquer rapaz ou moça de 16 ou 18 anos que mal se pode escrever. Mas embora mirássemos o futuro, estávamos completamente esmagadas pela força do passado (Woolf, 2020, p. 139-140).

Para compreender melhor o que Virginia Woolf estava dizendo, precisei voltar ainda mais, para o período de regência da rainha Vitória (1819-1901). Para isso, recorri ao texto *Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX*, das historiadoras Luciana Wolff Apolloni Santana e Elaine Cristina Senko. Em poucas palavras, as autoras caracterizam a sociedade vitoriana como um período:

[...] de enormes contradições. Ao lado dos grandes progressos técnicos e industriais, assiste-se a um triste espetáculo de doenças, violência e morte. Foi também um período quando se exerceu um forte controle sobre o comportamento [...] de homens e mulheres. Mais especialmente sobre as mulheres. Apesar de a monarca representar a ideia de uma mulher chefe de Estado, os papéis sexuais eram rigidamente definidos. A mulher deveria reinar no lar e nele somente (Santana; Senko, 2016, p. 191).

A escolha de abrir o romance com a decisão de Clarissa de ir ela mesma à floricultura aponta para algo mais profundo e significativo. A personagem não apenas gosta de caminhar por Londres, como conhece suas ruas por nome e aponta para seus monumentos, lojas e cruzamentos com familiaridade. Seu corpo é quase que interligado às vibrações da cidade, fazendo-a perceber o sinal que fecha, permitindo a passagem dos caminhantes, a rápida movimentação dos táxis que buscam e deixam passageiros, chegando até a observar a disposição de joias feita estrategicamente para atrair estrangeiros. “Que farra! Que mergulho!”, diz ao sentir o ar de Bourton.

Para explorar melhor a relação de Clarissa com a cidade, atentei para a ideia de lugares íntimos, do geógrafo Yi-Fu Tuan. No capítulo “Experiências íntimas com lugar”, o autor constrói os requisitos que tornariam íntimo um lugar. Para Tuan (2003), o espaço torna-se lugar a partir do momento em que é dotado de significado e definição. Para isso, os lugares íntimos precisam ser aqueles onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são

recebidas com atenção e que nos permitem uma pausa em meio ao movimento. Os lugares que são dotados dessas características acabam por se cravar fundo em nossa memória e, quando avivados, despertam em nós satisfação e alegria.

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por alguma razão, assomam por um instante à superfície da nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atores mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar (Tuan, 2003, p.151).

Além das experiências individuais, Virginia Woolf esteve atenta também à vivência coletiva, que atravessa os habitantes de um espaço, independente de suas proporções geográficas. A ideia remete ao debate levantado por Norbert Elias (1994) sobre o indivíduo e a sociedade. É inegável a dificuldade em perceber, em um período tão instável, como esses corpos poderiam se comunicar por um dito fio invisível. O que Elias propõe é que, mesmo antes da divisão feita em decorrência da Revolução Industrial, os seres humanos sempre estiveram relacionados entre si, seja através de relações pessoais, semelhanças desconhecidas ou simplesmente pela divisão de um espaço em comum. Para o autor, o mito edificante que fantasia a imagem de um ser humano solitário que, com o passar do tempo, encontrou companhia, deveria ser substituído, pois:

Não existe um grau zero da vinculabilidade social do indivíduo, um “começo” ou uma ruptura nítida em que ele ingresse na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede, e então comece a se vincular a outros seres humanos. Ao contrário, assim como os pais são necessários para trazer um filho ao mundo, assim como a mãe nutre o filho, primeiro com seu sangue e depois com o alimento vindo de seu corpo, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade (Elias, 1994, p. 31).

Virginia Woolf parece estar positivamente consciente dessas problematizações. Por meio de estruturas e observações feitas no romance, podemos perceber como a autora entrelaça as experiências individuais de seus personagens com estruturas que os atravessam continuamente. Outra experiência coletiva, representada pelo personagem Septimus Smith, é a da guerra, sobre a qual reflito no trabalho com o apoio da obra *O mal-estar na civilização* (2011), de Freud.

Em *Mrs. Dalloway*, Virginia Woolf traz a construção de uma cidade que não se faz perceber apenas em seu tempo presente, mas no passado e no futuro. Seus personagens, explorados em potência elevada por meio do “fluxo de consciência”, dão uma amostragem generosa de como pensavam os indivíduos de sua época, arrastando-nos para os confins de seus medos, questionamentos e percepções. Woolf estava preocupada em prover para o futuro bases materiais que representassem seu tempo, fornecendo um vislumbre privilegiado de um tempo que transformou permanentemente não apenas a Europa, mas todo o globo.

Referências

- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2001.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011.
- SANTANA, Luciana Wolff Apolloni; SENKO, Elaine Cristina. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, v. 10, p. 7-224, 2013. Disponível em: <http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/209>. Acesso em: 18 dez. 2020.

KOFES, Suely. Apresentação; Itinerário, em busca de uma trajetória. *In: KOFES, Suely. Uma trajetória, em narrativas.* São Paulo: Mercado de Letras, 2001. p. 11-28.

TUAN, Yi-Fu. Experiências íntimas com lugar. *In: TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* Londrina: Eduel, 2003. p. 151-164.



RASTREANDO ESPAÇOS SOCIAIS

Se nossa preocupação é habitar este mundo ou estudá-lo – e, no fundo, as duas coisas são as mesmas, uma vez que todos os habitantes são estudantes e todos os estudantes habitantes – a nossa tarefa não é fazer um balanço do seu conteúdo, mas *seguir o que está acontecendo*, rastreando as múltiplas trilhas do devir, aonde quer que elas conduzam. Rastrear esses caminhos é trazer a antropologia de volta à vida.

Tim Ingold ¹⁰

Conhecer uma cidade é conseguir compreender seus signos e saber se comunicar e reconhecer os passos e rastros de seus habitantes ou, pelo menos, buscar compreendê-los. Michel de Certeau (2009), ao nos desafiar com um olhar para a cidade a partir das enunciações dos passos de seus habitantes, mostra-nos como existem múltiplas estratégias para serem descobertas diante do nosso ato de pesquisar. Rastrear espaços é uma delas, ou seja, perscrutar ruídos, seguir rastros, desvelar vestígios, seja em vivências, nas invisibilidades, nos silêncios, nas paisagens ou mesmo nos imaginários míticos dos lugares que habitamos; escolher as travessias das narrativas, das memórias e das formas como a cidade é experimentada e vivida.

¹⁰ INGOLD, Tim. A antropologia ganha vida. In: INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Tradução Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes, 2015. p. 25-41.

Isabella Torres nos fala dos fios tênues entre a pesquisa e a docência e a experiência de fazer ciência por meio da ação Poço de Saberes, com crianças no Poço da Draga. A ação foi idealizada no grupo entre 2021 e 2022, com atividades extracurriculares para pensar o pertencimento à cidade e a valorização de si e do patrimônio material e imaterial do território onde essas crianças vivem. Entre a ponte e o farol, Tinally Batista, em uma sofisticada arquitetura das invisibilidades, olha para a cidade a partir das enunciações das caminhadas e da escuta das memórias. Pessoas e coisas não só existem, mas acontecem, habitam os lugares, se pensarmos na antropologia de Ingold (2015). Abre-se diante de nós a possibilidade de descobrir uma arquitetura caminhante que, com mãos firmes, desenha trajetos de resiliência na cidade, entre a ferrugem da Ponte Velha e as ruínas do farol.

Brenda Fonseca, em uma perspectiva da psicologia ambiental e comunitária, nos faz observar as trajetórias das pessoas e como elas se apropriam de sua realidade para sobreviverem e resistirem diante das opressões e ameaças de desapropriação dos seus lugares. Sua linguagem, seus modos de viver e seus encontros mostram como elas se apropriam e ocupam ativamente o lugar em que vivem, fazendo do “ambiente um território emocional”. Nessa construção, a afetividade será primordial para perceber como elas agem e se posicionam diante do espaço. Como canta Emicida, citado pela autora:

Por fim, permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
É o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir, aí...

Um lugar pode ser lido também por suas cicatrizes ou pelas poéticas que dele podem surgir apesar das agruras. Lemos com Karlene Andrade as inscrições poéticas das mulheres do bairro Bom Jardim, em Fortaleza (CE). Em seu texto, ela aborda como as pessoas desse território criam suas próprias simbologias para narrar a

si mesmas para além dos estereótipos que tentam definir o local e as pessoas. A casa, o vínculo dos mais novos e os mais velhos, as práticas artísticas que recuperam uma ancestralidade, a relação com o rio; em cada desenho ou fotografia, imprimem-se as narrativas individuais e coletivas de apropriação de um lugar dentro da cidade.

Tudo fala em sua cidade. Samantha Alves nos mostra em sua experiência como educadora de surdos como as mãos falam e constroem espaços. Ela realiza uma pesquisa sobre suas experiências educacionais com pessoas surdas, em paralelo a um incansável diálogo e conhecimento das legislações, dos avanços de estudos na área, trazendo essa contribuição para as Ciências Sociais e, ao mesmo tempo, mergulhando nesse universo como tradutora e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Trata-se de um modo de observar a sociedade de outra forma, incluindo a experiência visual das mãos, dos símbolos, das luzes, para percebermos as particularidades e as subjetividades dentro de uma cultura surda. Amplia-se para nós todo um campo de saberes que precisam ser construídos para integrar e incluir.

Entre imagens, fotografias, desenhos, pontes, faróis, mãos e pés em caminhadas pela cidade na busca por compreendê-la, observamos como tudo pode nos contar sobre as suas singularidades. Por meio da literatura de Mia Couto e Natércia Campos, Thalia Mendes realiza uma pesquisa sobre os imaginários míticos da casa. As casas são habitadas por nossas existências poéticas. Antecipam o modo como iremos cartografar com nossas habilidades a cidade. A casa nas duas narrativas literárias analisadas é a protagonista; ela é a casa-mãe para onde se retorna, a testemunha de vivências, que resgata memórias e percorre o tempo e os espaços em Moçambique e no Sertão do Nordeste do Brasil, revelando histórias que percorrem corredores, janelas e portas sem fechaduras para deixar nas madeiras de lei, que ergueram essas casas até a cumeeira, as marcas dos que por ali passaram.

Cristina Maria da Silva

Educação e ciência

um rastro que se encontra nas vivências do Poço

*Isabella Carneiro Torres*¹¹

Acredito que minha trajetória no Rastros começa bem antes de minha entrada na universidade, pois, desde criança, eu tinha o sonho de ser cientista e trabalhar dentro de um laboratório com pesquisas, algo bem parecido com a imagem construída socialmente de um cientista. Durante o processo de ingresso no ensino superior, no entanto, esse sonho mudou um pouco: continuava desejando ser cientista, mas agora tinha uma vontade imensa de trabalhar com pessoas, estudar o social, as práticas e vivências humanas. Entretanto, no momento de ingressar na faculdade, surgiu a pandemia do covid-19, e

¹¹ Estudante do 4º semestre no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), bolsista extensionista no grupo de pesquisa e estudos Rastros Urbanos. Atuou no projeto “Fotobiografias: uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais”, em 2022. Professora na ação Poço de Saberes, vinculada ao Rastros. Tem interesse e produções nas áreas de: antropologia social, antropologia visual, educação, políticas públicas e sociologia.

a possibilidade de colocar esse sonho em prática parece que foi se distanciando. Foi um momento turbulento de sofrimento impiedoso, de angústia, de desespero, de medo, de desesperança pelo governo, que ajudou o vírus a ceifar mais de 680 mil vidas (número médio de vítimas durante a escrita desse texto), e parecia que a expectativa de recém-ingressa na universidade pública não passava de um mero sonho efêmero.

No decorrer desse processo, eu me desencantei em relação à licenciatura, modalidade na qual ingressei; não tinha perspectivas e esperanças de exercer plenamente a profissão. Acredito, contudo, que nada acontece por acaso, tudo tem um motivo. Quando estava no meu segundo semestre da faculdade, tive aula de Sociologia II com a professora Cristina; foi aí meu primeiro contato com o Rastros. Ainda durante a pandemia, me interessei muito pela proposta de estudos e pesquisa do grupo, mas, em decorrência do contexto pandêmico, acompanhava de longe algumas de suas ações. Alguns meses depois de finalizar a disciplina, um processo seletivo de extensão foi aberto, e um dos projetos era o Fotobiografias, para o qual, felizmente, fui selecionada. Durante todo o ano, tive a oportunidade de me reaproximar da docência e de vê-la com outros olhos, de uma forma mais representativa, que realmente me realizou, e ainda me realiza, enquanto professora e pesquisadora. Tudo isso graças à ação Poço de Saberes, que é uma forma que o Rastros encontrou de contribuir com a comunidade do Poço da Draga, localizada na região central de Fortaleza, levando uma nova ideia de educação para as crianças e jovens que moram nessa região. A ação não corresponde apenas a aulas teóricas ou conteudistas e com metodologias ultrapassadas. É, na verdade, uma proposta de educação transformadora, inclusiva e instigante, trazendo os estudantes para o centro da aula, possibilitando percepções do mundo social, de suas próprias histórias, vivências, narrativas, memórias e sentimentos.

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 39). Sinto-me extremamente representada por essa frase de Paulo

Freire, a quem respeito, admiro e em quem me inspiro, desejando um dia alcançar ao menos um por cento do que ele foi enquanto educador social. Trata-se não apenas de uma frase óbvia, mas também é sobre a força potente e latente que a educação tem. Não acredito que eu e meus companheiros do Rastros, que são extremamente fundamentais nesse processo, vamos conseguir mudar completamente a realidade social dessas crianças; seria ingenuidade pensar assim. No entanto, tenho absoluta certeza que se apenas um indivíduo for impactado de alguma forma, se a semente da educação e da ciência for plantada em seu campo fértil de ideias e imaginações, teremos cumprido nosso dever enquanto educadores. Educação não se trata apenas de transmitir conteúdo engessado; é muito mais que isso: envolve coragem para mudar, para contestar, para perguntar e, principalmente, envolve coragem para responder. Aqui não falo apenas sobre responder dúvidas conteudistas, falo sobre saber responder a um educando, entender que eles são pessoas e que trarão à sala de aula seus medos, angústias, questionamentos, problemas pessoais, aprendizados, frustrações, conquistas, outras perspectivas sobre um assunto e várias outros tópicos. O professor, ou melhor, o educador, precisa entender que momentos assim irão acontecer, e eu aprendi isso na prática, graças ao Rastros, que me possibilita entender melhor essas relações educando e educador, dia a dia.

Sou muito grata por ter feito e fazer parte disso, direta e indiretamente. O Rastros me encontrou e eu o encontrei nessa linha torta e interligada que é a linha da vida. O sonho de infância de ser uma cientista foi, em parte, realizado, mas, como eu disse acreditar que nada acontece por acaso, hoje não sou apenas pesquisadora, sou também Professora. Escrevo Professora com letra maiúscula para registrar a extrema importância que isso tem em minha vida. Se sou quem sou, devo tudo à educação e aos grandes Professores que tive, que me fizeram ser apaixonada pelas ciências e pela docência. Uma dança completamente dinâmica e perfeita, com suas dificuldades e esforços, mas, certamente, uma das mais prazerosas recompensas.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 21.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Os lugares invisíveis das longarinas da ponte aos olhos do mar do farol

*Tinally Carneiro Batista*¹²

*Faz muito tempo que eu não vejo o verde daquele mar quebrar
Nas longarinas da ponte velha
Que ainda não caiu
(Longarinas, Ednardo, 1976).*

*A Praia do Futuro, o farol velho e o novo
Os olhos do mar
São os olhos do mar, são os olhos do mar
(Terral, Ednardo, 1973).*

Nasci arquiteta talvez antes mesmo da formalidade da graduação. Ao caminhar pelo centro de Fortaleza, pelas mãos de minha mãe, tinha os olhinhos infantis nas árvores, nos passarinhos, nas leves borboletas e nas histórias das pessoas. Fui uma criança tímida

¹² Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFC) e especialista em Projeto Arquitetônico Contemporâneo: Teoria e Prática, Arquitetura e Urbanismo (UFC). É proprietária da conta @lugaresinvisíveis no Instagram, que pensa as práticas urbanas através das fotografias.

e calada – talvez para melhor escutar essas histórias e observar atentamente o imenso quintal que é maior que o mundo, como ensina Manoel de Barros. As histórias podiam ser narradas por familiares ou desconhecidos, ou até mesmo permanecer escondidas no silêncio de antigos prédios abandonados do centro da cidade. Essas últimas me interessavam mais: percorriam minha imaginação infantil, e cada rastro deixado pela pátina do tempo me contava coisas que alimentariam minha vida adulta.

Cresci arquiteta, projetando espaços e descrevendo minuciosamente geometrias. O encantamento do espaço, muitas vezes imaginado por se tratar de projeto, acontecia antes do traço no papel. Era na dimensão do sentir, do observar, que as palavras se formavam, anunciando outra importante grafia: o desenho pela luz, ou seja, a fotografia. E, assim, ao longo da graduação em Arquitetura e Urbanismo, fui pincelando a técnica arquitetônica com o desejo de, antes do “projetar espaços”, encontrar a essência das coisas. De tanto teimar nessa busca, encontrei nas histórias de vida das pessoas o mais próximo de patrimônio cultural da cidade de Fortaleza que desejava estudar e, por que não, conhecer.

Os estudos sobre a memória da cidade de Fortaleza no curso que eu praticava estavam mais voltados para as edificações e os espaços urbanos com olhares ainda modernistas. Faltava-me “humanizar essa prancha”. Faltava-me a oralidade, o contar as histórias que transformavam esses prédios, ruas e praças em memória – coletiva ou individual – e não apenas em lembranças de uma cidade. Cruzei uma paralela, a avenida da Universidade, no bairro Benfica, e tateei meus primeiros contatos com os lugares invisíveis de uma Fortaleza outra, distante da arquitetura cearense tradicional. Encontrei, ao me atravessar o desejo de patrimônio cultural, o grupo Rastros Urbanos, que estuda e pesquisa sobre a memória da cidade de Fortaleza a partir das fotobiografias dos álbuns de família, guardados principalmente por mulheres. Mesmo sendo um grupo vinculado à Universidade Federal do Ceará, entende a prática da extensão universitária a partir de uma cidade tátil e caminhante, longe dos muros acadêmicos.

Nesse tempo, “talvez num tempo da delicadeza”, como encanta Chico Buarque, inicio meu caminhar pelo Poço da Draga, bairro afetivo da cidade de Fortaleza, fonte dos estudos sobre memória e patrimônio cultural alinhavados pelos professores Cristina Maria da Silva e Tiago Vieira Cavalcante, organizadores do grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos.

O Poço da Draga, já com seus 116 anos de histórias para contar, finca suas raízes bem próximas do mar de Fortaleza. Estabelece-se, assim, como território marítimo, tecendo seu cotidiano com as práticas do mar (sufar, nadar, pescar), com o convívio das histórias dos antigos moradores, com a organização espacial de suas ruas e travessas testemunhando a pátina do tempo dos remotos galpões e resilientes sobrados. Como marco de origem, adota o ano de 1906, ano da construção da Ponte Metálica. A ponte é como um posfácio da história da atividade portuária da cidade, cujas entranhas estão na porção sertaneja do Ceará, percorrem os trilhos de trem carregados com a produção agrícola do interior, transportam também migrantes refugiados da seca, abastecem os grandes armazéns na capital cearense e, por fim, deságuam no porto rumo ao estrangeiro. Em torno desse primeiro porto de Fortaleza, forma-se a comunidade, construindo suas memórias coletiva e individual, como sistemas de significado produzidos ao longo do tempo. Parecia mais uma vila de pescadores, inicialmente, mas com a elevada densidade populacional da área e a ausência de serviços públicos básicos, negligenciados por anos por sucessivas gestões públicas. Adquiriu traços de deterioração espacial com o passar do tempo, enquanto crescia também a resistência de seus moradores. Onde acontece a resistência, nasce o pertencimento, o afeto pelo seu lugar de origem.

Amadureci como arquiteta, mais precisamente em meados de maio de 2018, ao pisar devagarinho o território do Poço da Draga, guiada pelas narrativas geográficas do grupo Rastros Urbanos. Desenhei uma geografia do afeto por meio de um ensaio fotográfico, exposto no perfil @lugaresinvisiveis. O corpo era afetado a cada passo, a cada aroma, a cada olhar, a cada toque nas texturas do ca-

minho. A cidade vivida em todos os seus sentidos, inclusive no sexto sentido, o da alma. Quem me anunciou o caminho foi um entre muros, dentro das inúmeras frestas que, como palpitações, ora se alargavam, ora se contraíam. As trajetórias eram percorridas a partir da intimidade do percurso guiado pelo bom morador, o geógrafo Sérgio da Geralda. Outra intimidade essa de “ser de alguém” – assim como são conhecidos os filhos das cearenses, ou como eram. Por ser um dia de folga e mais ainda de sol, logo o cotidiano foi exposto nos varais de roupas pendurados com a ajuda dos ex-mastros das embarcações dos pescadores locais, no tratamento do pescado em bancadas improvisadas de tijolos cerâmicos de oito furos, nas músicas em disputa que saíam de janelas adornadas por gradis de ferro torcidos em ondas. A cidade pulsava ali entre aqueles patrimônios invisíveis.

O grupo Rastros Urbanos me deu o caminho. Foram felizes encontros mensais que alimentavam minhas narrativas, esboçavam minha trajetória como urbanista-arquiteta que teimava na existência de outras Fortalezas, outros patrimônios. Por um breve período, com a mala cheia de saudades e de conhecimentos adquiridos, deixei em estado latente os encontros com o grupo e segui para a conclusão da minha graduação. Era sobre o Jacarecanga que eu escrevia e desenhava: um museu, uma escola de artes e ofícios, um bairro antigo de Fortaleza. Para a academia, tradicional e cartesiana, estava de bom tamanho o desenho lógico das coisas, com rebatimento entre o antigo e o novo, o claro e o escuro, a luz e a sombra. Para o meu ser arquiteta, precisava do patrimônio do bairro Jacarecanga: a história de vida dos moradores. E, de certo, esse patrimônio vivo fez parte, e considero o mais importante, desse trabalho final de graduação. Da graduação segui para uma especialização em Teresina. Muitas arquitetas, assim como eu, buscavam o patrimônio cultural longe das pranchetas. Recordo ainda a primeira frase dita pela arquiteta Lia Motta na aula inaugural do curso: “Para mim, patrimônio é uma militância”. Uma frase curta que mais parecia um prelúdio, uma anúnciação, “uma bruma leve das paixões que vêm de dentro”, como entoa o poeta Alceu Valença.

Continuo arquiteta pensando a cidade de Fortaleza em diálogo com outros olhares. Trago para o caminho a arquiteta Paola Berenstein (1968), que encontra no seu *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica* (Berenstein, 2001) consonância com os patrimônios invisíveis que eu enxergava ao percorrer a cidade nos seus núcleos urbanos mais esquecidos pelas gestões públicas. Berenstein constrói seu percurso contrapondo seu aprendizado “rígido da arquitetura erudita” da FAU/UFRJ com a “espontaneidade original da autoconstrução popular” da Vila do João, uma parte da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, local que ela percorria todos os dias para ir à faculdade. Ela traz o artista Hélio Oiticica como amálgama do seu pensamento construído a partir desses seus percursos, apontando outras estéticas das favelas cariocas, compreendidas muito mais pelo seu significado complexo que pela simples aparência. Caminhando pelos lugares invisíveis entre as comunidades Poço da Draga e Titanzinho, contraponho os patrimônios (tradicionais e esquecidos) e construo uma nova narrativa de pertencimento desses lugares. Encontrar esses patrimônios invisíveis requer olhar a cidade de modo mais amplo, ou melhor, vivenciar a cidade de perto, na escala do caminhar. Convido, a passos lentos e firmes, o olhar do antropólogo Tim Ingold, que sugere uma história das coisas assim como a história das pessoas acontecendo ao mesmo tempo, ou seja, ao passo que o mundo começa novamente a ser narrado, as coisas são trazidas novamente à vida. Enxergo, sim, claramente, um patrimônio como afeto sendo revelado a partir das memórias (re)contadas por aqueles que um dia a vivenciaram. As leituras e os olhares continuam, estão em movimento, e o percurso, também.

Aprendi como arquiteta-caminhante que, por mais que um lugar contenha um emaranhado de fios de histórias e patrimônios invisíveis ainda para serem tecidos, há também outros lugares com seus rastros e pertencimentos próprios que se interligam ao anterior, formando uma bela colcha de retalhos urbanos. A cidade pode se apresentar como uma experiência didática narrando suas camadas históricas. Encontrar o antigo farol do Mucuripe, a partir da Ponte

Velha do Poço da Draga, ilustra essa busca por encontrar, mais adiante, a “teimosia do referente”, formulada pelo escritor Roland Barthes (1915-1980) na poética *A câmara clara*. Barthes (1984, p. 15) apruma a fotografia numa “classe de objetos folhados cujas duas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vidraça e a paisagem, e por que não: o Bem e o Mal, o desejo e seu objeto”. Inspirando-se nessa perspectiva, trago luz para o percurso que desenho: para perceber o referente de Barthes, a essência de um lugar, não se pode dissociá-lo de outro lugar, sob o risco de se perder o fio da memória. Assim, não há Ponte Velha da praia do Poço da Draga sem o antigo farol da praia do Titanzinho.

Como arquiteta-pesquisadora, seguindo os rastros dos lugares invisíveis, desperto meu olhar pela primeira vez na praia do Titanzinho, numa manhã de outubro de 2022. Trata-se de uma área portuária da cidade de Fortaleza ainda em funcionamento, com certos limites, uma vez que o porto principal foi transferido para outra região. Mesmo assim, o fluxo de grandes carretas e *containers* de insumos e produtos deixa confusa a entrada para a comunidade do Titanzinho. A imponência, mesmo que desgastada, do antigo farol na entrada da via principal desmancha a má impressão da zona portuária. Não há como não lembrar da música “Terral” (1973), de Ednardo: “Meu céu é pleno de paz/Sem chaminés ou fumaça” e, mais à frente, “A Praia do Futuro, o farol velho e o novo são os olhos do mar, são os olhos do mar, são os olhos do mar”. O antigo farol ainda resiste como uma das mais antigas construções da cidade de Fortaleza. Foi construído entre os anos de 1840 e 1846. É um patrimônio tradicional tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/CE) a nível estadual, de enorme valor simbólico para a comunidade que o tem como guardião. Contam alguns moradores que suas histórias de infância se passaram nesse “castelo”, como carinhosamente chamam o Farol Velho. São esses patrimônios invisíveis que me interessam mais.

As cidades, nas escalas de seus bairros – ou melhor, de suas quadras e quarteirões – são mais bem percebidas por aqueles que

as atravessam. Os caminhos escolhidos para percorrê-las nascem de opções pessoais, a partir de suas bagagens, olhares, percepções e desejos. Os lugares invisíveis estão nessa matéria-fina, entre o passo que se dá no chão e os sentidos atentos no entorno, como mostra o filósofo Michel de Certeau (1990:177): “os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares”. Acredito que é nesse caminhar que se formam as cidades, em seu sentido mais afetivo: no pertencimento a elas.

Referências

JACQUES, Paola Berenstein. *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

EDNARDO. Longarinas. Fortaleza: RCA: 1976. LP (duração 6min47’)

EDNARDO. PESSOAL DO CEARÁ. Terral. Fortaleza: Continental: 1973. LP (duração 3min51’)

O Poço da Draga sob o olhar da psicologia ambiental e comunitária

trajetórias potentes de sobrevivência e resistência

*Brenda Ponte Fonseca*¹³

No dia 26 de maio de 2022, a comunidade do Poço da Draga, em sua longa história de resistência, comemorou 116 anos. Ela se encontra no local onde se instalou o primeiro porto de Fortaleza, na Praia de Iracema, e é rodeada por espaços elitizados; estes, considerados atrativos e cultos, diferentemente da comunidade, subalternizada e marginalizada. Trata-se, assim, de uma área de grande especulação imobiliária, o que se reflete nas inúmeras tentativas de intervenções governamentais de viés higienista que visam, em detrimento dos interesses dos moradores, a transformar a

¹³ Graduanda em Psicologia (UFC). Bolsista de iniciação acadêmica pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis no projeto “Fotobiografias: uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais”, em 2022.

comunidade em um ponto “valorizado” e atrativo, principalmente, para o turismo.

Um exemplo que causou repercussão teve início em 2008, quando o governo estadual anunciou a proposta de licitação de um novo empreendimento para a Praia de Iracema, o Acquário Ceará. “A obra foi idealizada pelo então governador Cid Gomes (PDT) para incrementar o turismo e atrair 1 milhão de visitantes por ano” (Gazeta do Povo, 2019). O projeto, repleto de irregularidades e prevendo um custo milionário, trazia consigo a proposta de remoção e realocação da comunidade do Poço da Draga. Ainda segundo o jornal *Gazeta do Povo* (2019),

O Acquário Ceará, como deve se chamar, prevê uma área construída de 21,5 mil metros quadrados, para comportar 38 tanques que somados consumirão 15 milhões de litros de água, equivalente a 6 piscinas olímpicas, com 35 mil animais marinhos de 500 espécies. É previsto que o tanque principal reproduza o fundo do mar e que tenha até a réplica de um navio afundado. Além de um tanque exclusivo para tubarões existirão três cinemas (dois 4D) e um auditório para 300 pessoas (Gazeta do Povo, 2019).

A prosperidade econômica foi priorizada, sem que se considerassem os impactos ambientais para a área litorânea, nem o reconhecimento dos moradores como dignos de respeito e de seu lugar de moradia. A obra paralisou oficialmente quando o governador Camilo Santana (PT) assumiu o mandato em 2015, mas não foi por bondade do governante. A comunidade se mobilizou e formou, em resistência ao empreendimento, o movimento “Quem dera ser um peixe”, o que resultou em ocupações e protestos persistentes contra o Acquario. Atualmente, o projeto ainda se encontra parado, e o que restou foi uma gigante estrutura de concreto no meio da praia. Por conseguinte, é possível relacionar a situação citada acima com a música “Lucro: descomprimido”, da banda BaianaSystem.

Tire as construções da minha praia
Não consigo respirar

[...] Especulação imobiliária
E o petróleo em alto mar
Subiu o prédio eu ouço vaia

Salienta-se que a comunidade é rodeada de espaços elitizados, e isso não é coincidência ou acaso, visto que a construção dessas infraestruturas e estabelecimentos acontece há muito tempo e visa a higienizar e expulsar gradativamente a população do Poço da Draga dessa área específica. A primeira dessas construções foi o tão conhecido Centro Cultural Dragão do Mar, em 1999. Segundo o Mapa de Conflitos da Fiocruz,

Com o crescimento da infraestrutura voltada para o lazer, o turismo e habitações de classe média, novos projetos que tinham como foco a higienização social do local foram apresentados pela prefeitura, sempre partindo do pressuposto que aquele não era mais o lugar de comunidades como a de Poço da Draga. [...] os moradores e pescadores pobres do local eram vistos como indesejados pelo poder público, que pretendia substituí-los por uma infraestrutura mais adequada à nova função socioeconômica que planejavam para a região.

A existência e permanência da comunidade em meio a essas violentas tentativas representa uma resistência viva. A partir disso, é possível questionar se essa população tem acesso a esses espaços, já que estes se localizam na mesma área. Será que os moradores do Poço da Draga se sentem confortáveis em frequentar a Caixa Cultural Fortaleza, o Centro Cultural Dragão do Mar ou a Biblioteca Estadual do Ceará? E alguns dos museus próximos, ou teatros? Todos esses espaços apresentam uma proposta de democratização do acesso à cultura na teoria, sendo que, na realidade, a comunidade não se reconhece como digna de frequentá-los, usufruí-los e ocupá-los. A situação se intensifica em ruas como a dos Tabajaras, com restaurantes caros e prédios habitados majoritariamente por brancos de classe média alta. Há uma dicotomia entre uma comunidade de origem portuária e infraestrutura histórica e as construções elitizadas e turísticas.

Paralelo a isso, a comunidade se encontra em uma preocupante situação de vulnerabilidade social, na qual direitos básicos não são garantidos, como o saneamento básico. De acordo com o jornal *O Povo* (2019), moradores da comunidade do Poço da Draga, na Praia de Iracema, enfrentam problemas com a ausência de uma rede de saneamento básico. A demanda histórica da comunidade é intensificada no período chuvoso, quando a convivência com o lixo e outros efluentes se torna mais corriqueira.

Levando-se essas situações em consideração, é de extrema relevância refletir e discorrer sobre os seus efeitos para a construção da subjetividade e do senso de comunidade. Subvertendo o esperado, ao invés de sucumbirem ao pessimismo, passibilidade, desesperança e sentimento de fatalismo, os moradores ocupam e apropriam-se ativamente do lugar em que vivem, atribuindo significações que se tornam essenciais para o sentimento de coletividade e para a construção de suas identidades e subjetividades. A partir da psicologia histórico-cultural de Vygotsky, é possível abordar o conceito de atividade humana.

O indivíduo, primeiramente, se apropria de seu lugar. Segundo Gois (2005, p. 83), teórico relevante da psicologia comunitária, o sujeito “[...] se apropria da realidade transformando-a, mediante o uso de instrumentos e da fala, e a reconstrói internamente de modo singular”. A apropriação tem como consequência “[...] a identificação do indivíduo com o mundo e a pertença a ele, como algo que lhe é próprio. Além disso, apropriando-se da realidade, a pessoa exerce maior controle sobre si e sobre o mundo ao redor” (Gois, 2005, p. 83). Após a apropriação, ocorre a interiorização do externo (ambiente físico-social), que age sobre o interno (psiquismo humano), o que leva ao processo complexo de construção da consciência e da subjetividade. O sujeito será transformado por esse meio e o transformará em seguida, e isso se repetirá constantemente. Em suma,

A atividade humana é [...] um sistema especial de ação que inclui os processos de apropriação, interiorização e transformação

da realidade. Por meio da atividade, o indivíduo não só se identifica, mas consegue mudar a realidade objetiva e dar significado ao mundo e a ele mesmo, faz a história, cria a cultura e forma sua consciência no mundo (Gois, 2005, p. 82).

A comunidade do Poço da Draga retrata exatamente isso: é a teoria na realidade. Apesar de estarem inseridos em um contexto de desigualdade e exclusão social, além da constante insegurança decorrente de ameaças de desapropriação do lugar, os moradores usam da afetividade associada ao lugar em que vivem como uma via de resistência contra as opressões que os atingem. A partir disso, vão planejando e executando ações que promovem a vinculação entre os moradores, o sentimento de pertencimento e identificação e a ressignificação de espaços outrora vistos negativamente.

Por meio da psicologia ambiental, procura-se entender a relação entre o sujeito e o ambiente como uma relação de interinfluência e de interdependência a partir de uma visão interacionista e dialógica (Holahan, 1994 *apud* Gois, 2005, p. 83). Dessa forma, é possível trazer a perspectiva de que o ambiente é um território emocional, na medida em que “viabiliza informações que definem a interação do sujeito com o lugar, nele os sujeitos podem satisfazer suas necessidades biológicas, simbólicas e emocionais, acessando-o cognitivamente e afetivamente” (Corraliza, 1998 *apud* Feitosa *et al.*, 2018, p. 197). Esse território constitui identidades, por meio do que se conceitua “estima de lugar”, a qual se refere aos sentimentos ligados ao ambiente em que se vive e que “[...] pode ser compreendida como uma forma de pensamento social que caminha em paralelo a outros de simbolismo do espaço, derivado da categoria de identidade social urbana ou de uma afetividade do lugar” (Bomfim, 2010, p. 218 *apud* Feitosa *et al.*, 2018, p. 197).

Portanto, por meio desses sentimentos e emoções ligadas ao espaço, ocorre a atribuição de afetos por parte dos moradores. A afetividade, segundo Giuliani (2004 *apud* Feitosa *et al.*, 2018, p. 198),

[...] revela como os indivíduos agem e se posicionam no espaço, além de obter conhecimento sobre o ambiente. Ela é também

a via pela qual o sujeito identifica-se com o ambiente, de onde derivam os laços afetivos que as pessoas criam com os lugares, necessitando estarem próximas a ele, à medida que estes lugares apresentam recursos físicos, biológicos, emocionais, etc., que suprem suas necessidades.

A partir disso, Bader Sawaia desenvolve o conceito de afetividade ético-política como “[...] uma categoria analítica que resguarda a capacidade de desestabilizar o que está hegemonicamente posto, proporcionando, assim, a transformação social e a possibilidade de falar do humano em sua inteireza” (Sawaia, 2011 *apud* Feitosa *et al.*, 2018, p. 197). Assim sendo, a afetividade é potencializadora da ação mediante as dificuldades e vem acompanhada de um compromisso para a transformação social e prosperidade da comunidade. De acordo com Bonfim (2010, *apud* Feitosa *et al.*, 2018, p. 197),

[...] olhar território e vulnerabilidade, a partir da afetividade, pode contribuir para a melhor compreensão dos modos pelos quais o sujeito se relaciona com os ambientes, construídos ou não, seu modo de implicar-se com a realidade e como isso afeta a Estima de Lugar.

Assim sendo, observa-se que a comunidade do Poço da Draga carrega consigo uma intensa significação e afetividade para com o espaço, o que se traduz não só em existências, mas em resistências. As relações dialógicas entre os indivíduos são vitais para o desenvolvimento e a transformação de suas subjetividades e do espaço que os circunda. Essas relações promovem uma atividade comunitária – “[...] atividade conjunta dos moradores, em favor do desenvolvimento da comunidade, [...] socialmente significativa (consciente), respondendo tanto às demandas da comunidade como aos motivos e interesses individuais de seus moradores” (Gois, 2005, p. 85) – e ocorrem por meio da mediação entre a comunicação e os instrumentos (utilizados para a realização da atividade). Em resumo, na atividade comunitária, os habitantes se reúnem e se

movimentam para a realização de projetos que visem a atender as necessidades da comunidade e melhorar o bem-estar a nível individual e coletivo.

De fato, isso é percebido na comunidade do Poço da Draga, já que os próprios moradores, por meio de uma afetividade integradora, organizam diversas atividades. Dentre elas, merecem destaque as escolinhas de futebol, de surfe e de capoeira e a prática do triatlo, bem como o sarau mensal, no qual as mulheres se reúnem para cantar, dançar e recitar poesia. Ademais, fortalecem juntos a organização não governamental (ONG) Velaumar, entre outras ações, sendo rede de apoio uns para os outros. É nesse momento em que se percebe o encontro das demandas individuais com as demandas coletivas, como em “um por todos, todos por um”.

À vista disso, a comunidade assume uma posição ativa e autônoma, “andando com suas próprias pernas”, adotando um modo de funcionar singular e fortalecendo o sentimento de união, de comunidade. Afinal, uma comunidade é lugar de moradia, de permanência e de proteção, bem como de interação social mais direta. Nela, o indivíduo é confirmado como membro de uma cultura, constrói significados, crenças, valores e uma dinâmica própria (Gois, 2005).

Em uma comunidade com população de ascendência majoritariamente portuária e afro-indígena, a importância dessas atividades para cada criança, adolescente, adulto ou idoso é imensurável. São pessoas violentadas em níveis profundos, perpassadas por interseccionalidades de raça, gênero e classe e estigmatizadas por seus fenótipos e origem periférica. Porém, jamais se devem resumir essas narrativas a isso, pois não se trata apenas de “alvos” ou histórias tristes. Trata-se também de resistência, superação, persistência e do florescimento de uma comunidade em todo o seu potencial, rumo a um horizonte de novas possibilidades. Afinal, como bem dito por Emicida (2019), em sua canção “AmarElo”,

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom que vivi.

Todas as atividades comunitárias realizadas por essa população tão negligenciada pelo poder público

[...] remetem a indicadores afetivos que envolvem desde características individuais como a autoestima, a autoeficácia e a perspectiva de futuro até a construção de uma rede de apoio social com base em relações comunitárias, promovendo as condições necessárias para a diminuição de vulnerabilidades e expandindo a potência de ação (Bonfim 2010 *apud* Feitosa *et al.*, 2018, p. 197).

Essas ações oferecem a oportunidade de se pensar em uma perspectiva de futuro, em um ser e estar com dignidade, em um sonhar para além das limitações impostas por uma sociedade que os inviabiliza.

Tratando dos afetos, é imprescindível citar o grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos da Universidade Federal do Ceará (UFC), que, por meio do projeto de extensão “Fotobiografias: uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais”, tem realizado ações, desde 2016, a partir de fotografias que pertencem aos próprios moradores do Poço da Draga, procurando conhecer histórias de uma Fortaleza não contadas pelos livros de história ou noticiários – uma Fortaleza periférica, de tradições, narrativas e memórias. A Dona Ivoneide é considerada “a guardiã das memórias”, pois guarda em sua residência o maior e mais antigo acervo de registros fotográficos no lugar, no qual encontramos trajetórias antes vividas e hoje contadas, memórias que se eternizaram. É o fortalecimento de uma comunidade que resiste em permanecer, preservando seu patrimônio histórico, cultural e físico, mesmo não sendo encorajada a isso.

Referências

MAPA de Conflitos: injustiça ambiental e saúde no Brasil. CE – Comunidade de Poço da Draga luta contra política de higienização social, elitização da área ditada pela valorização imobiliária e até a construção de um aquário gigante. Fiocruz: Mapa de Conflitos.

Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ce-comunidade-de-poco-da-draga-luta-contrapolitica-de-higienizacao-social-elitizacao-da-area-ditada-pela-valorizacao-imobiliaria-e-ate-a-construcao-de-um-aquario-gigante/>. Acesso em: 14 out. 2020.

FEITOSA, Maria Zelfa de Souza *et al.* Afetividade, território e vulnerabilidade na relação pessoa-ambiente: um olhar ético político. 2018. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, n. 2, p. 196-203, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5505> Acesso em: 14 out. 2020.

GOIS, Cesár Wagner de Lima. *Psicologia comunitária: atividade e consciência*. 2005. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2005. p. 75-90.

OBRA de aquário encalha em praia famosa de Fortaleza. *Gazeta do Povo*, 26 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/acquario-ceara-obra-de-aquario-encalha-em-praia-famosa-de-fortaleza/>. Acesso em: 26 out. 2022.

MORADORES do Poço da Draga voltam a enfrentar esgoto a céu aberto. *O POVO*, 18 de dez. de 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/12/18/moradores-do-poco-da-draga-voltam-a-enfrentar-esgoto-a-ceu-aberto.html>. Acesso em: 26 out. 2022.

BAIANASYSTEM. *Lucro: Descomprimido*. Rio de Janeiro: *Máquina de Louco* (Universal Music Publishing Brasil), 2016.

EMICIDA. *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Acesso em: 26 out. 2022.

Nosso(s) olhar(es)

imagens poéticas inscritas no Grande Bom Jardim

*Karlene da Silva Andrade*¹⁴

Este texto faz parte do último capítulo da minha monografia em Ciências Sociais,¹⁵ com algumas adaptações. Nele, trago, por meio de imagens, fotografias e desenhos, formas narrativas, buscando refletir sobre a presença política do fazer de mulheres da periferia do Grande Bom Jardim.¹⁶ Ressalta-se que foi algo que o próprio

¹⁴ Doutoranda em Antropologia pela UFBA. Mestrado em Antropologia pela UFC-Unilab. Graduação em Ciências Sociais, licenciatura (2015) e bacharelado (2018) pela UFC. Foi professora de Sociologia do Ensino Médio, ensino tradicional e CEJA. Tem interesse nos temas de gênero, sexualidade, raça, educação, plantas, corpo e saúde.

¹⁵ Com o título *Elas são resistência: narrativas de mulheres no Grande Bom Jardim – Fortaleza-Ceará*, defendida no primeiro semestre de 2018, com orientação da professora Dra. Cristina Maria Silva (UFC).

¹⁶ Área periférica no sudoeste de Fortaleza (CE), que congrega cinco bairros: Canindezinho, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim e Siqueira. Ainda nesses bairros, existem inúmeras comunidades, que os moradores reivindicam como bairro com sua própria identidade. “Segundo dados sobre o perfil demográfico e domiciliar (IBGE, 2010), o Grande Bom Jardim – GBJ representa 8% do total dos domicílios da cidade de Fortaleza, que são ao todo 710.066. O perfil disponibilizado também pelo IBGE 2010 revela que o GBJ se caracteriza por ser um local com baixa renda média, devido possuir em

campo mostrou, conforme afirma Kuschnir (2007): “a antropologia pode contribuir nesse debate porque sua principal tarefa é estudar não o que a política deve ser, mas o que ela é para um determinado grupo, em um contexto histórico e social específico” (Kuschnir, 2007, p. 166). Tomo especificamente para análise um trabalho de Marly –¹⁷ que atualmente se identifica como pessoa não binária –,¹⁸ na época da pesquisa, “mulher”, jovem, negra, periférica, artista, entre outras possibilidades. Segue a imagem de um de seus trabalhos:

Figura 1 – JAP (Jovens Agentes da Paz)¹⁹. Desenho de Inana em grafite



Fonte: acervo do Rastros Urbanos.

sua maioria setores censitários (Censo 2010) com renda mensal inferior a R\$ 500,00. Infere-se daqui, no acesso à renda, o perfil de pobreza dos domicílios, consequentemente de sua população, que concentra 43.732 domicílios, ou seja, 70% do total dos seus domicílios com até um salário mínimo *per capita*” (Jardim, 2018, p. 1).

¹⁷ Utilizei na monografia, em referência a deusas de diferentes cosmologias, nomes fictícios, para potencializar a ideia de poder que essas mulheres traziam em suas histórias. Porém, como forma de uma possível viabilização histórica e documental, e tendo sua autorização verbal, coloco aqui seu primeiro nome, Marly.

¹⁸ “[...] os gêneros não-binários que, além de transgredirem à imposição social dada no nascimento, ultrapassam os limites dos polos e se fixam ou fluem em diversos pontos da linha que os liga, ou mesmo se distanciam da mesma. Ou seja, indivíduos que não serão exclusiva e totalmente mulher ou exclusiva e totalmente homem, mas que irão permear em diferentes formas de neutralidade, ambiguidade, multiplicidade, parcialidade, ageridade, outrogenidade, fluidez em suas identificações” (Reis; Pinho, 2016, p. 14).

¹⁹ Curso e grupo comunitário que toma como princípio a juventude como agente da promoção da paz e da igualdade, pautado nos direitos humanos.

O desenho foi feito na parede das salas destinadas ao JAP no CDVHS – Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa.²⁰ A partir desse desenho e do contexto social em que estão entrelaçados os símbolos presentes na pintura, podemos inserir e levantar algumas interpretações. Tal desenho é um conjunto de imagens: a primeira que destaco é a mandala, que traz representações simbólicas sobre o JAP (Jovens Agentes da Paz); há símbolos que remetem ao teatro, à dança e à música e, ainda, a práticas que encontro na cidade e na periferia de Fortaleza, que é a capoeira, acionada pelo berimbau, instrumento presente nas rodas da arte capoeirista; o cacto pode remeter ao Nordeste, ao sertão e toda sua resistência histórica – enquanto pesquisadora do bairro, lembro que várias pessoas trazem em sua história uma origem familiar do sertão e do interior do Ceará; há ainda a simbologia do *wi-fi*, lembrando a presença da forma particular de comunicação e interligação proporcionada pelas redes sociais, ou mesmo, da nossa relação com as informações que chegam cada vez mais rápidas.

Observa-se, por meio dessas representações, que o grupo de jovens traz em sua formação vários atravessamentos para se constituir enquanto coletivo do Grande Bom Jardim. Podemos ver ainda na foto da imagem a representação de alguém que é rio e é casa – pode ser tanto uma autorrepresentação, como a representação de cada um desses e dessas jovens. As casas localizadas na cabeça podem evidenciar um movimento histórico da luta por moradia, uma narrativa presente na construção do bairro, deixando em evidência a lembrança das casas que foram construídas ao redor do rio Maranguapinho. Como me lembra a professora Cristina Maria da Silva (UFC), as casas estão na cabeça, na qual se localiza o ori na cosmovisão do candomblé, entidade pela qual o ser se orienta; a cabeça é também onde se organiza a existência. O desenho, assim,

²⁰ Organização não governamental no Grande Bom Jardim, criada em 1994 com a mobilização das CEBs (comunidades eclesiais de base, da Igreja Católica), pautando a luta pelos direitos humanos em diversas diretrizes dentro do Grande Bom Jardim (Souza, 2018).

mostra seu caráter intersubjetivo. Vale lembrar que tanto eu como Marly aprendemos tais histórias enquanto pesquisadoras do Ponto de Memória do bairro,²¹ no ano de 2012, relatos que apareciam sempre na memória dos “mais velhos”, o que faz com que a imagem fale por si só, mas também por meio de nossas lembranças e atravessamentos socio subjetivos.

Podemos observar, assim, que a arte se coloca aqui como uma inscrita, uma narrativa, uma visão do mundo, feita pela artista, que toca variados sentidos. O bairro das imagens de Inana é parte dela, assim como ela é parte do bairro – há uma ligação do seu ser com a existência de sua comunidade. Sua história de vida mostra essa ligação permeada pelo “eu” e o “outro”, que pode ser a própria natureza, a paisagem, a cidade. Percebo um arquivamento de coisas e de si, como diria Artières (1998, p. 3): “[...] se pôr no espelho é contrapor a imagem social à imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. O ato de arquivar se dá de diferentes formas, desde uma escrita até um desenho grafado na parede. Muitos arquivos de “si” podem ser representações sobre “nós”, lembrando que “[...] não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira [...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens” (Artières, 1998, p. 8). Narramos e arquivamos aquilo que achamos importante em um processo relacional, nossa história de vida está entrelaçada com a (na) história de todos; somos indivíduos em narrativas coletivas.

Assim também é no campo e na pesquisa. Quando paro para refletir, observo que as mulheres que entrevistei em minha monografia fizeram um recorte de suas vidas, narrando o que sentiam que era para ser dito, diante, inclusive, do que eu coloquei para elas en-

²¹ Projeto de museologia social, para fortalecimento da memória de comunidades marginalizadas, fomentado pelo IBRAM (2012). Dentro do projeto na área do Grande Bom Jardim, foram selecionados/as pesquisadores/as que eram também moradores da região, para entrevistar pessoas-chave, chamadas de guardiãs da memória.

quanto pesquisadora. Porém, não era uma narrativa distante, pois percebia que elas se colocavam lá, sentiam e vivenciam todas aquelas colocações, trazendo à tona processos de si. Como indivíduos em constante construção com a coletividade, elas encaravam erros e acertos, seguranças e inseguranças, expectativas e realidades.

Referências

ANDRADE, Karlene. *Elas são resistências: narrativas de mulheres no Grande Bom Jardim*. 2018. 76p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ARTIÈRIES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista de Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998.

CENTRO CULTURAL GRANDE BOM JARDIM. Grande Bom Jardim – território e contexto social. 2018. Disponível em: <http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/>. Acesso em: 15 jun. 2018.

REIS, N.; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. *Reflexão e Ação*, v. 24, n. 1, p.7-25, 2016.

IBRAM. *Programa Pontos de Memória*. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/programa-pontos-de-memoria>. Acesso em: 25 jun. 2016.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, [s.l.], n. 52, p.5-13, 1 out. 2016. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/cadernosaa.1095>.

SOUZA, Centro de Defesa da Vida Herbert de. *História*. 2018. Disponível em: <https://cdvhs.org.br/quem-somos/historia>. Acesso em: 2 maio 2018.

Os espaços que as mãos falam

a construção da cultura em espaços organizados de surdos

*Samantha Alves da Silva*²²

Este texto nasce da proposta de comemorar os dez anos do projeto Rastros Urbanos, que tem por coordenadora a professora Cristina Maria. A partir desse feliz convite de escrita em um momento festivo, retomei os arquivos e as memórias, lembrei-me de períodos letivos em que cursei disciplinas, enquanto aluna do curso de Ciências Sociais, com a professora Cristina e das trocas entre colegas de curso nos encontros do grupo. Aproximo-me da

²² Tradutora e intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Português atuando na Pinacoteca do Ceará. Especialista em Libras – Docência e Tradução pela Faculdade 7 de Setembro (FA7). Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), realizou em 2016 a pesquisa de monografia: *A surdez na escola: reflexões acerca da implementação do projeto inclusivo numa escola regular de Maracanaú*. Bacharel em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2021. Atuou como professora do Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos (DELLES) na UFC (2017-2019), como tutora do Curso de Atendimento ao Estudante Surdo ofertado pelo IFSC, na modalidade remota (2022), e como tradutora e intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Português no Instituto Dom José (2016-2017), na Prefeitura de Maracanaú (2014-2015) e na Universidade Federal do Piauí (UFPI) (2019-2023).

professora Cristina como orientanda e participante do Rastros e, em 2016, sob sua orientação defendi a monografia intitulada *A surdez na escola: reflexões acerca da implementação do projeto inclusivo numa escola regular de Maracanaú*.

Opetei por fazer aqui a adaptação de um texto escrito para uma disciplina que cursei, ofertada para o Curso de Letras Libras no período letivo de 2014. Os rastros que pretendo apresentar representam um pouco de mim enquanto aluna do curso de Ciências Sociais e, concomitantemente, como aprendiz da Língua Brasileira de Sinais – Libras, ávida por conhecer mais do universo da comunidade surda, especificamente aquela mais próxima fisicamente, a de Fortaleza. Na época, me impulsionavam o aprendizado da língua e o contato com a comunidade surda, com o objetivo de produzir a monografia sobre alguma temática relacionada às pessoas surdas sinalizantes. Entendia, assim, a necessidade de que eu fosse fluente na língua para conversar diretamente com os interlocutores da pesquisa. Desde então, não parei de aprender mais sobre e com a Libras e a comunidade surda e, atualmente, atuo na área como tradutora e intérprete.

Primeiramente, para mim, o espaço da educação foi o de maior contato com essa comunidade. Fiz cursos de Libras em instituições em Fortaleza, e o espaço da universidade, no Curso de Letras Libras,²³ me possibilitou, como aluna de graduação, ter contato em sala de aula com diferentes pessoas fluentes em Libras, com diferentes profissionais, com discussões sobre a Libras e a educação de surdos.

Neste texto, mesmo que de forma breve, retomo a memória da aprendizagem de uma língua de sinais e, por consequência, de toda uma cultura associada a essa língua, que permite uma forma de entender, expressar e comunicar-se com o mundo. Retomo a ida

²³ O Curso de Letras Libras, na modalidade licenciatura, possibilitou à comunidade surda ingressar no ensino superior em um curso de formação de professores de Libras. Isso se deu a partir da criação do curso, por meio do Decreto n.º 5.626/2005 e da legislação anterior, que dá o *status* linguístico para a Libras, a Lei n.º 10.436/2002.

a uma associação de surdos, espaço de representatividade e luta para as pessoas surdas. Conto um pouco sobre uma visita que fiz à Associação de Surdos do Ceará – ASCE, que hoje tem quase 40 anos de existência e funcionamento.

A Associação de Surdos do Ceará – ASCE

A ASCE, como é chamada corriqueiramente, é uma organização que teve como grande propulsora para a sua fundação a necessidade das pessoas surdas por um espaço próprio aqui em Fortaleza, ou seja, um espaço em que pudessem se comunicar e se expressar livremente por meio da língua de sinais. Esse tipo de organização também é encontrado em outros estados, e o contato com outras pessoas surdas pertencentes a associações de surdos impulsiona a organização da instituição na cidade.

O prédio da ASCE está localizado na avenida Bezerra de Menezes, em Fortaleza (CE), via bem movimentada da cidade, e, logo à frente, do outro lado da avenida, ficam diversas lojas. O prédio é próximo de outra instituição importante, o Instituto dos Cegos, e fica ao lado da Secretaria de Segurança Pública do Estado. A organização física da associação dispõe de um amplo espaço, com algumas salas (onde também funcionam outras associações), áreas abertas, um local com um palco, uma cantina, algumas outras salas no térreo e duas salas no primeiro andar.

A data de fundação da associação é 30 de abril de 1983. Trata-se de uma instituição de surdos. Todos os presidentes anteriores são surdos, sendo em sua grande maioria homens.

Como será para as pessoas surdas a relação com esse pedaço da cidade? Para alguns, pode ser curto o deslocamento de casa até lá; para outros, nem tanto. Contudo, talvez a proximidade venha com a frequência, com a “intimidade”, com a afinidade com aquele local, que agrega festas, grupo de amigos, curiosos pela comunidade surda, alunos de cursos de Libras, intérpretes, familiares e tantos outros. Trata-se de um local que agrega anos de história, que aos

sábados congrega pessoas para baterem papo e que é espaço aberto para quem tiver interesse em conversar e, assim, melhorar a fluência em Libras. Local pensado e organizado por surdos em meio à cidade e seu mar majoritário de ouvintes, a ASCE é um espaço que possibilita a constituição de uma vida social para um grupo que reivindica políticas, aproximando essas políticas, de seus desejos e construções de realidade.

Strobel (2008) afirma que o espaço das associações promoveu, prioritariamente, recreação e lazer, mas que, no decorrer do tempo, suas atividades se ampliaram para questões e movimentos políticos, como para a prática de atividades esportivas diversas. A autora também ressalta que, geralmente, as pessoas surdas, em festas promovidas nas associações, preferem conversar. Ela sugere que o motivo dessa preferência é a necessidade de conversar, do encontro possibilitado pela equidade linguística. A ASCE, dessa forma, configura-se como um espaço da familiaridade e de encontro com os pares, muitas vezes, distante da realidade vivida na casa onde mora com seus familiares (geralmente, pessoas ouvintes).

A ida para a ASCE em um dia de festa

Em 25 de abril de 2014, dentro da programação de aniversário da Associação de Surdos do Ceará – ASCE, às 19h30, estava programada a posse da nova diretoria da instituição, que estava completando 31 anos de existência naquele ano. Uma das pessoas envolvidas na fundação da instituição retornava como a nova presidenta, Silvia Helena. Naquela noite, a atenção era para a passagem da faixa e do cargo da presidência de Joel para Silvia Helena e sua nova diretoria. Todos os presidentes anteriores eram surdos, sendo homens em sua grande maioria, e Silvia Helena era a segunda presidenta da instituição. Estar na ASCE num dia festivo, cheio de encontros e reencontros para a comunidade surda, não era um momento qualquer, prometia ser uma noite de proximidade com a cultura surda, com a histórica instituição que tanto promoveu lutas relacionadas aos surdos.

A visita à ASCE naquele dia não foi à toa. A demanda partiu da atividade prática de uma disciplina da grade curricular do curso de Letras Libras da Universidade Federal do Ceará – UFC, em que estava matriculada. Nessa disciplina, estávamos buscando compreender a cultura surda e suas expressões, a partir de teóricos, tanto surdos como ouvintes. Conforme a proposta, a atividade era buscar interagir com pessoas surdas e buscar relacionar a teoria com as informações da visita para produzir um relatório. Como na época eu não tinha familiaridade com o curso de Letras Libras – na verdade, era aluna da graduação de Ciências Sociais –, para mim, era um formato diferente de atividade, mas, para os alunos do curso de Letras Libras, era comum fazer atividades práticas de contato direto com a comunidade surda, como momentos de observação, entrevista, reconhecimento de entidades, entre outras.

Naquele dia, a ASCE iria receber gente nova e gente de casa – não estávamos num dia comum. Na primeira porta, na sala com as fotos dos presidentes anteriores, estavam já organizadas várias cadeiras de plástico na cor branca; na mesa ao centro, à frente, havia um bolo; na parede ao centro, a bandeira da ASCE, com a bandeira do Brasil, de um lado, e a do estado do Ceará, do outro; no entorno delas, um portal de bolas brancas. Nessa sala, aconteceria a cerimônia de posse da nova presidenta.

Quando ainda éramos poucos no local da cerimônia, sendo a maioria de alunos da UFC, uma senhora de cabelo curto e loiro, creio que surda também, veio e perguntou a uma pessoa do grupo que estava sentada, quem dali era ouvinte e quem vinha pela primeira vez, e assim foi quebrando o gelo. Estando sentada no meio do grupo, pude perceber num dado momento que uma lâmpada no alto de uma parede, mais ou menos à frente da cantina, havia acendido e apagado; logo após, vi uma pessoa indo em direção ao portão lateral de entrada de carros. Não havia som algum, apenas a luz. Era uma sinalização visual, aquela campainha luminosa avisava da chegada de alguém na porta de entrada dos carros.

Quanto aos recursos luminosos, como campainhas, eles são muito usuais em ambientes com pessoas surdas. Na escola bilíngue Instituto Cearense de Educação de Surdos – ICES, por exemplo, por toda a estrutura da escola há esse tipo de sinal luminoso, com uso análogo ao da campainha sonora. Esse elemento faz parte do predomínio da “experiência visual”, isto é, “a utilização da visão, em substituição total à audição, como meio de comunicação” (Perlin; Miranda *apud* Strobel, 2008, p. 39), e é categorizado por Strobel (2008) como um artefato material da experiência surda.

As pessoas foram chegando. Havia alunos da turma de Letras Libras, como também alunos da disciplina de Libras de professores surdos. O clima ia ficando animado, íamos encontrando pessoas conhecidas e, aos poucos, nos movimentando pelos espaços. As pessoas chegavam e se agrupavam, e o espaço ficava mais cheio. Muitos eram os estímulos, muitos encontros e conversas, muito o que se observar. As mãos já não eram mais vistas da mesma forma; agora essa corporalidade estava relacionada à impressão de um verdadeiro “mar de mãos”, como afirma Magnani, pois ver as conversas em Libras é sentir a sensação de uma corporalidade intensa, de uma comunicação viva e muito intensa.

O cerimonial da posse – as movimentações em língua de sinais

A cerimônia de posse não me pareceu tão longa, mas transcorreu com diversas falas de componentes da direção. Durante a cerimônia, tentei observar o que acontecia fora dela, os que estavam pelos lados, as conversas com os colegas do curso de Letras Libras, com as pessoas surdas que íamos conhecendo ou encontrando, tecidas em meio aos diversos encontros. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, muitas pessoas, e pairava em mim uma certa confusão, não sabia onde focar o olhar. A profusão do conversar em Libras dá um tom que usualmente não me recorro no meu dia a dia,

é o “mar de mãos” que Magnani cita. Isso causava uma excitação, pois é uma profusão de expressões, de estímulos.

Magnani *et al.* (2009, p.64) afirmam que existe uma espécie de “calendário surdo”, ou seja, locais e datas em que a comunidade surda se faz presente, e isso demarca um “círculo de relações [em que] se conhecem e frequentam os mesmos espaços da cidade”. Contudo, esses autores ressaltam que “os surdos [são] mais numerosos, comunicam-se em sua língua, exibem seus estilos e posturas corporais características. Os ouvintes [...] minoria [...] no papel de coadjuvantes”. Essa configuração é percebida em ambientes de surdos, como a ASCE.

Na apresentação do livro *As imagens do outro sobre a cultura surda*, a pesquisadora surda Karin Strobel afirma que:

[...] para a comunidade ouvinte que está mais próxima de povo surdo – os parentes, amigos, intérpretes, professores de surdos – para os mesmos, reconhecer a existência da cultura surda não é fácil, porque nos seus pensamentos habituais acolhem o conceito unitário da cultura e, ao aceitarem a cultura surda, eles têm de mudar as suas visões usuais para **reconhecerem a existência de várias culturas**, de compreenderem os diferentes espaços culturais obtidos pelos povos diferentes (Strobel, 2008, p. 11).

A associação de surdos é um desses espaços de troca e de vivência, rico em signos próprios da cultura e da experiência surda.

Nesse dia de festa, nos espaços que percorri e a partir do que pude ouvir e perceber, pouco me pareceu haver de curiosos ouvintes alheios às regras do local; todos pareciam já iniciados nesse universo surdo. A disposição no ambiente e entre os presentes emanava elementos constitutivos de diversos artefatos (Strobel, 2008), destacando-se, obviamente, o linguístico. Outros artefatos também são, de fato, constitutivos do ambiente e de sua importância, como o da vida social e o político. Talvez, em um dia como esse, seja possível percorrer diversos artefatos, com poucas exceções.

O conceito de cultura em que se buscou apoiar foi aquele que se refere aos “[...] **sentidos** que uma realidade cultural faz para

aqueles que a vivem” (Santos, 1993, p. 8). Inclino-me a considerar que esse conceito passa, principalmente, por entender a língua, a expressão da língua de sinais, com suas características relacionadas à experiência visual e corporal. Pensar a cultura não se reduz a pensar uma única dimensão, como se fosse possível extrair de um povo a dimensão da cultura ou, ainda, como se pudesse “coisificar” a cultura. Dessa forma, gostaria de ressaltar que a ida à ASCE e o encontro com os artefatos culturais surdos servem como um panorama conceitual para perceber a experiência surda com o mundo, mas devem ser entendidos dentro dos limites conceituais; na experiência, esses artefatos se misturam uns aos outros.

Os espaços das associações de surdos, por muitos anos, foram locais de livre expressão em língua de sinais e representam, assim, espaços de grande importância para a socialização e organização de muitas pessoas surdas. Na atualidade, a internet, as chamadas de vídeos em *smartphones* e computadores possibilitam maior troca de informações por meio das línguas de sinais sem a presença física, o que pode ter gerado certo esvaziamento de associações como a ASCE. As legislações, a partir de 2002, também foram grandes propulsoras de mudanças na e para a comunidade surda, com o reconhecimento do *status* linguístico da Libras, a criação dos cursos de Letras Libras, no ano de 2006, e o incentivo à educação de pessoas surdas, só para citar alguns exemplos. Apesar das mudanças, a ASCE e tantas outras associações de surdos resistem ao tempo. O espaço segue vivo, se resignificando na experiência e no uso comunitário.

Referências

BRASIL. *LEI n.º 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 30 out. 2022.

BRASIL. *DECRETO* n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 30 out. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; ASSIS SILVA, César Augusto de; TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. *As festas juninas no calendário de lazer de jovens surdos na cidade de São Paulo*. Anais do Ceru. 2009. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/ceru/anais/anais2008_1_ceru04.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

Imaginários míticos da casa e narrativas poéticas em Mia Couto e Natércia Campos

Thaíla Mendes Araújo²⁴

E as pessoas ficaram em casa. E leram livros, e ouviram música, e descansaram, e fizeram exercícios, e fizeram arte, e jogaram, e aprenderam novas maneiras de ser, e pararam.
(O'meara, 2020).

Lidar com os espaços e com o tempo foi um aprendizado durante a pandemia. Fomos forçados a descobrir ferramentas para recalibrar os sentidos e o nosso jeito de viver os dias, procurando formas e possibilidades de atravessar o momento. A experiência e os significados de estar em casa, evidentemente, desdobraram-se. A casa tornou-se uma testemunha desse cenário e configurou, para muitas pessoas, o processo desafiador de ser um refúgio, mas também uma prisão.

²⁴ Realizou, em 2020, a pesquisa de monografia no curso de graduação em Ciências Sociais: *Imaginários míticos da casa e narrativas poéticas em Mia Couto e Natércia Campos*.

Na literatura, as casas podem ser inventadas, habitadas por existências poéticas, que nos convidam aos ângulos e aos cômodos que habitam em nós – casas que podem ser personificadas, metáforas de nós mesmos, casas vivas, com memória, que contam e nos revelam suas vivências.

No meu trabalho de monografia para o curso de Ciências Sociais, parti das narrativas dos livros *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do autor moçambicano Mia Couto, e *A casa*, da autora cearense Natércia Campos, com o objetivo de discutir os imaginários da casa e suas narrativas poéticas. As análises se apropriaram dos escritos de Gaston Bachelard (1978), que associa diretamente o espaço da casa aos estudos da poética, destacando a casa como uma possibilidade de o sujeito existir, o seu primeiro mundo: “A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”. Ele afirma, ainda, a importância da casa para o estabelecimento do homem perante as condições da vida: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida” (Bachelard, 1978, p. 201).

Gilbert Durand (2004) também foi utilizado para pensar a dimensão do imaginário, tendo em vista que, segundo o autor, o imaginário é algo próprio do homem e “constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana” (Durand, 2004, p. 41). Assim, o imaginário atribui significado às nossas experiências de vida, ao nosso pensar. A noção de literatura de Michel Foucault (1964) também foi importante para refletir sobre o estudo de uma obra literária. A literatura, para Foucault, surge como uma nova forma de estabelecer diálogo com aquilo que não seria capaz de ser dito pelas ciências sociais, por exemplo, levando em consideração o vocabulário que dispõe, os conceitos etc. Assim, os escritos literários podem ser, de alguma maneira, transgressores, capazes de romper fronteiras fixas, pois não exigem determinações. A literatura é, portanto, um ser de ausência. Ela faz circular os signos já dispostos na

vida social, espalha-os e reconfigura-os de muitos modos, permitindo criar, transformar e falar de coisas que talvez não existam.

Para refletir o imaginário mítico da casa, realizou-se o esforço de pensar alguns dos elementos que a compõem e suas relações na obra de Mia Couto e de Natércia Campos. Couto traz para sua escrita um espaço social narrado de forma ficcional, mas também carrega representações reais de um espaço que foi caracterizado por guerras. Ao mesmo tempo, o uso do imaginário mítico rompe uma ideia, muitas vezes, estereotipada do continente africano e propriamente de Moçambique, expressando outras possibilidades de reconstruir ou recriar uma história vivida pelo povo no passado, mas que se mantém viva.

Em Mia Couto, Nyumba-Kaya é o termo usado para dizer “casa”, contemplando os povos do norte e do sul: “Nyumba é a palavra para nomear ‘casa’ nas línguas nortenhas. Nos idiomas do Sul, casa se diz ‘kaya’” (Couto, 2003, p. 28). Essa representação dupla é interessante, pois evidencia como Mia Couto intensifica e amplia essa relação com a casa e com a tradição do povo. A Nyumba-Kaya é o lugar central dos acontecimentos e permanece por todo o percurso da história como um elemento vivo e personificado. É cenário do convívio dos familiares e de vários momentos, como a cerimônia da morte do avô de Marianinho. É um espaço íntimo, para onde Marianinho, depois de anos, retorna. Nesse sentido, Bachelard (1978, p. 243) afirma que “a casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade”. A casa também se apresenta como figura feminina e maternal: “A grande casa está defronte a mim, desafiando-me como uma mulher. Uma vez mais, matrona e soberana, a Nyumba-Kaya se ergue de encontro ao tempo” (Couto, 2003, p. 29).

Em Natércia Campos, a casa foi batizada de Trindades. O fato, talvez inusitado, é que essa casa é a própria narradora da história. Através de suas memórias, desde o seu construtor e também primeiro dono, um senhor imigrante português, passando pelas várias gerações que nela habitaram, Trindades narra sua própria trajetória

e nos apresenta com detalhamento tudo que ouviu e aprendeu no decorrer de séculos. Testemunha as relações e os acontecimentos vinculados a seus viventes, os nascimentos, mortes, dramas, contradições, angústias e, muitas vezes, segredos que apenas ela sabia e que eram guardados pelas suas fronteiras físicas. Essa dimensão imaginária da casa, como parte constitutiva dos moradores, faz com que carregue em si a ideia de uma casa humanizada, com sensações e sentimentos, que observa e guarda lembranças. Apesar de alguns relatos contados que ocorrem longe de suas dependências, de modo geral, é a casa o espaço central onde ocorrem os conflitos e as ações no romance. Trindades torna-se foco, personagem, narradora e espaço ao mesmo tempo. É a responsável pela manutenção das memórias familiares e é por meio de seu espaço que as lembranças são evocadas. Enquanto detentora de memória, é ela a fonte mais segura que o leitor tem para as histórias narradas.

Diante disso, verificou-se que as casas em análise são metáforas que elucidam as forças presentes no imaginário cultural mítico e, assim, narram poeticamente uma extensão do indivíduo, habitada por memórias e vivências. Mia Couto e Natércia Campos aproximam fortemente a casa de um espaço que reúne, registra e guarda memória, que testemunha e porta um mosaico de histórias. Em Mia Couto, outro elemento além da casa aparece com o sentido de memória, um objeto que possui referência com as lembranças: o álbum de fotografias da família. Marianinho, como narrador, utiliza-se de retalhos de memória, como o álbum de fotografia de sua avó Dulcineusa e as cartas que recebe de seu avô, para reconstituir sua história e a de sua família. Em Natércia Campos, os fios de memória vão sendo construídos entre Trindades e seus habitantes, que se tornam parte dela. Nesse processo, os cômodos, os objetos, as situações, tudo ao redor conversa com Trindades, tudo fala, tem ruídos, tudo se aviva, como as pedras, o telhado, o espelho, a madeira.

Constata-se também que existe uma relação com o telhado nos dois romances, uma simbologia para a casa. Em Nyumba-Kaya, se-

gundo manda a tradição, o telhado é retirado da casa em que o morto é velado, pois, ao passo que o telhado protege, também impede que o céu penetre no interior e leve embora o peso do luto. Liga-se a casa sem o teto, também, a uma ação de voo, ela ganha asas e, desse modo, tal como o homem, é um corpo disposto na terra, sujeito à ideia de transcendência. A imagem da casa realizando esse movimento, escapando para as alturas, até se tornar nuvem, traz a sensação de leveza, de envolvimento com o céu. Em Trindades, o telhado absorve o que dá a sensação de vida primeira a ela, as águas da chuva. O telhado abriga os acolhedores alpendres e as largas varandas, não permitindo que sejam molhadas. Também aparece quando a casa deseja que a vida finde abaixo de seus telhados e desfrute apenas do que está acima deles, na direção das estrelas: “Pela primeira vez desejei fíndasse para mim ter de assistir ao viver de cada dia e noite entre os homens. Vontade de que meus sentidos só abrangessem a vida acima dos meus telhados na rota das estrelas” (Campos, 2004, p. 63). Ao testemunhar o pai molestando suas filhas, Trindades desabafa o desejo de olhar apenas para o céu.

Outro aspecto comum a esses escritores diz respeito ao elo afetivo entre o humano e o lugar, ao diálogo que se abre com a casa por meio do exercício do sentido e do poético. De acordo com Strathern (2014), as pessoas são como um todo quando consideramos os artefatos que as rodeiam, como a casa, as memórias e suas relações com o meio em que vivem. No texto “Línguas que não sabemos que sabíamos”, do livro *E se Obama fosse africano?*, Mia Couto nos diz que a noção de meio ambiente é um conceito desgastado, pois ainda se leva em consideração que o homem se encontra no centro de tudo e as demais coisas estão à sua volta, rodeando-o. No entanto, as coisas não estão à nossa volta, “somos coisas e gente habitando um indivisível corpo” (Couto, 2011, p. 21). A casa e tudo mais que nela vive, todos os sons, todos os elementos da natureza que a rondam, tudo é vivo e contém um mundo em si. Para Strathern (2014, p. 495), “[...] um objeto pode presentificar poderes ou forças que afetam a vida de uma pessoa, sejam eles imaginados como o ambiente, o

cosmos ou a comunidade”. As casas construídas na ficção de Mia Couto e Natércia Campos tocam no imaginário. Elas dão sentido ao mundo que as cercam e vão além daquilo que, enquanto espaço físico, representam.

O conceito de imaginário de Durand (2004) possibilitou perceber como, na simbologia da casa Nyumba-Kaya, na ilha Luar-do-Chão, e na casa Trindades, no sertão nordestino, a nação está em pauta. A casa se apresenta de forma testemunhal e em jogos metonímicos e, em ambas as tramas, aborda muitos conflitos, sejam relacionados aos moradores, sejam referentes ao modo como ela responde aos acontecimentos. As casas representam a terra, a terra moçambicana, a terra do sertão. Essas casas, enquanto metáforas, são indicadoras da terra-pátria de cada escritor. Por meio dos escritos literários de Mia Couto e de Natércia Campos, as casas se entrelaçam com a cultura local e percorrem olhares por tempos e espaços de Moçambique e do sertão do Nordeste, pulsando histórias e vivências poéticas que alimentam as memórias em uma amarração constante entre indivíduo e coletivo, construindo suas teias e se fincando na medida em que as histórias se mantêm vivas. Assim fazem Natércia Campos e Mia Couto: refazem as histórias e as memórias populares e do imaginário.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CAMPOS, Natércia. *A casa*. Fortaleza: UFC, 2004.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTO, Mia. Língua que não sabemos que sabíamos *In: E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DURAND, Gilbert. *O imaginário ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

FOUCAULT, Michel. Conferência. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

O'MEARA, Catherine. In the time of pandemic. March, 16, 2020. *Blog The Daily Round*. Disponível em: <https://the-daily-round.com/2020/03/16/in-the-time-of-pandemic>. Acesso em: 9. abr. 2021.

STRATHERN, Marilyn. A pessoa como um todo e seus artefatos. In: STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Ubu, 2014.



OS BAÚS DA MEMÓRIA

Guardei nas malas coisas estranhas,
mas não estou arrependida.
Lembranças são mais importantes do que vestidos
(Anne Frank, 28 de julho de 1942)

Na longa trajetória do caminhar da vida, onde guardamos os fios que deixamos como extensões do nosso corpo (Ingold, 2012)? Como cascas (Didi-Huberman, 2012), pedaços, lascas do tempo de outrora? A jovem Clara – personagem literária do livro *As gavetas da avó de Clara*, de Angela Chaves (2018) – tem muito a nos dizer sobre essa questão. A avó da menina vem guardando memórias em gavetas, cada uma com o seu significado: “Na azul, guardam-se as fitas. Na amarela, as pinturas e tintas. E na rendada... segredos” (Chaves, 2018 p. 7). Contudo, apenas o último compartimento chamava a atenção curiosa da garota. De fato, por trás de rendas, principalmente as tecidas pelas mãos das rendeiras, sempre existem mistérios. Dentro da incógnita gaveta, jazia a matéria daquilo de que somos feitos: as imagens e as palavras (Manguel, 2001) que, silenciosamente, eram representadas nas antigas cartas do avô, na narrativa sobre a grande árvore onde a mãe subia no quintal da casa, na tintura negra dos longos cabelos da avó, no fio da memória que restou no avesso do bordado.

Nessa pequena história literária, um retrato da realidade se sobrepõe às infinitas linhas de palavras, pelas quais as convenções

sociais determinam, sob sua perspectiva limitante, o local onde devemos guardar nossas memórias, para além da lembrança que se faz presença. Gavetas, latinhas de biscoito, malas de viagens, baús, caixas podem pelas mãos adquirir novos sentidos como “coisas” que são, isto é, um acontecer, “um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam” (Ingold, 2012), representando a sobrevivência da vida nas marcas deixadas no passado-presente arquivado.

Dentro desses acervos biográficos pessoais, adormecem, sob a proteção dos fungos guardiões, os mais diferentes retalhos da longa trajetória da vida, santinhos do luto, fotografias, diários, um rastro bordado enlilhado pelas guardiãs da memória – mulheres, mães, avós, esposas –, que seguram pelo nó toda a teia de significados construída nos espaços que ocuparam, do caminhar nas ruas da cidade, daquilo que guardam em acervos da memória.

O que então guardamos em baús da memória para além das coisas presentes nos ambientes que ocupamos? Pedacos da coletividade, mas, acima de tudo, rastros de nós mesmos. Nesse sentido, o leitor é enlaçado e convidado a também abrir as gavetas, latas, malas da sua própria memória, não somente as físicas, onde segredos e mistérios sobrevivem à ação do tempo, mas sim aqueles compartimentos mais sublimes, nos quais as lembranças se fazem vívidas à medida que são acessadas pelas mãos de quem as teceu, sendo os fios o elemento que dá forma, cor e textura a nossas vidas (Batt, 2010).

Lucas Pinheiro Tenório Farias

Referências

BATT, Tanya Robyn. *O tecido dos contos maravilhosos: contos de lugares distantes*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHAVES, Angela. *As gavetas da avó de Clara*. São Paulo: IBEP, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017

FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. São Paulo: Principis, 2018.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, v. 18, n. 37, p. 25- 44, jun. 2012.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Biografias, luto e memória

os santinhos de falecimento como fontes históricas

Ângela Elizabeth Ferreira de Assis²⁵

A memória, sob a perspectiva da psicologia, pode ser definida com ênfase nos aspectos neurofisiológicos ou a partir de diversas abordagens psicanalíticas, nas quais o entendimento acerca das recordações priorizava a dimensão cognitiva e individual. Entretanto, sob o ponto de vista sociológico, com base em Halbwachs (2003), a reminiscência constitui um fenômeno coletivo e social que, operacionalmente, viabiliza o processo de socialização dos grupos, com as lembranças sendo incorporadas por meio da experiência coletiva e transmitidas ao longo dos anos e das gerações.

Considerando que a experiência humana em sociedade é pautada pela capacidade de guardar informações, e a nossa vivência do

²⁵ Socióloga, mestra em Sociologia (PPGS/UECE), doutoranda em Políticas Públicas (PPGPP/UECE), bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap). E-mail: angelaefassis@gmail.com.

presente depende, em grande parte, desse conhecimento que temos do passado e dos usos que fazemos dele – a memória “opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns” –, nosso objetivo tornou-se “procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo” (Bosi, 2003, p. 31).

Por meio do projeto de extensão intitulado “Fotobiografias: uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais” e das reflexões suscitadas sobre como e em que medida as cidades e as experiências urbanas podem se dar através de álbuns fotográficos, conhecemos a Dona Ivoneide. Moradora do bairro Poço da Draga, em Fortaleza (CE), há muitos anos ela guarda consigo as lembranças dos que se foram, por meio dos “santinhos de falecimento”. Esses folhetos registram a morte dos moradores do bairro e, comumente, contêm a foto do falecido, as datas de nascimento e falecimento e uma mensagem como forma de homenagem e alento aos que ficaram.

A partir disso, sob a perspectiva de Priore (2009), buscamos refletir sobre como esses santinhos podem fornecer subsídios aos estudos historiográficos como fontes históricas das biografias que pulsam no Poço da Draga.

Com estudos realizados durante a pandemia de covid-19,²⁶ período de restrições de circulação na cidade, para o desenvolvimento deste trabalho, nos apropriamos dos meios digitais e, como metodologia, empregamos a pesquisa bibliográfica e documental, com base nas postulações de Bloch (2002) e Barros (2019), adaptando o trabalho historiográfico aos recursos disponíveis. Dessa forma, dispomos do “álbum dos mortos”, da Dona Ivoneide, acessível no acervo digital do grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos (UFC).

²⁶ Conforme divulgado pelo Ministério da Saúde (MS), uma doença viral que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves, podendo levar à morte, sendo disseminada e transmitida de pessoa a pessoa no mundo todo.

Segundo Priore (2009, p. 10), a noção de biografia dentro dos estudos historiográficos “permitiu então a abordagem histórica pelo foco num indivíduo que não é necessariamente ilustre ou conhecido, exatamente porque ele não é ilustre ou conhecido”. Em consonância com essa definição, os santinhos de falecimento dos moradores do Poço da Draga como fontes, constituem a “história vista de baixo”, ou a história pelo viés daqueles que, à primeira vista, podem parecer insignificantes aos grandes eventos históricos.

Notamos que os santinhos de falecimento possuem forte vinculação às práticas religiosas do catolicismo, embora não possamos estabelecer com clareza a sua origem. Percebemos transformações em torno dos recursos iconográficos e textuais com que os registros são feitos. Ademais, observamos que, com o passar dos anos, os santinhos foram se popularizando, a ponto de se tornarem parte significativa do repertório que expressa os sentimentos de perda, luto e ternura pelos entes queridos e mantém vivas as biografias do Poço da Draga.

Para Ariès (2017), a morte, concebida como um fenômeno social, passa por constantes transformações. Da mesma forma, as atitudes dos vivos diante da morte ou da ideia de finitude que esse evento carrega são diferenciadas. Segundo ele, a depender do contexto histórico e da sociedade ao qual nos referimos, a morte pode ter conotações e tratamentos distintos de acordo com aspectos sociais e culturais que norteiam o seu entendimento. A partir disso, podemos dizer que o luto e expressões para lidar com a própria morte ou do outro também podem sofrer modificações ao longo do tempo.

Os santinhos de falecimento se referem, *a priori*, às biografias dos falecidos, mas são confeccionados pelos (e para os) vivos. Isso quer dizer que, ainda que alguém projete o seu próprio santinho antes de falecer, o intuito desse folheto é registrar, documentar para os vivos a existência de alguém que se foi. Além disso, cada santinho carrega um pouco das biografias de quem o confecciona, afinal trata-se de histórias construídas a partir de relações sociais. Ainda que o conceito de memória coletiva nos permita compreender as

lembranças como parte fundante das experiências em sociedade, Bosi (1994, p. 411) adverte que, “por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, significativos dentro de um tesouro comum”. Assim, os santinhos fornecem a possibilidade de reter uma parte do outro consigo e manter vivas inúmeras camadas do passado que vivenciaram.

Sublinhamos aqui o corpo como eixo de ligação com o mundo, com base em Le Breton (2012), segundo o qual a dimensão física estrutura a construção do simbólico e do imaginário, ou seja, nossa existência é corporal e, em certa medida, está atrelada à materialidade. Com isso, quando alguém falece, independente da crença religiosa à qual nos referimos, a materialidade do seu corpo físico deixará de existir, demandando uma lembrança palpável para preencher o vazio que fica, um pedaço do outro que não está mais aqui. Assim, os santinhos de falecimento fornecem, dentre muitos elementos, a possibilidade de reter uma parte do outro que se foi, não apenas como uma lembrança, mas como algo material, palpável. Sendo assim, podemos afirmar que os santinhos, como expressões de luto e memória, materializam as biografias, não somente do falecido, mas de seus entes queridos, do bairro e da cidade em que sua vida tornou-se possível. São resquícios, indícios e rastros que podem fornecer subsídios aos estudos historiográficos.

Sob a proposta de que os estudos historiográficos se voltassem aos indícios, que, para a maioria, são imperceptíveis ou irrelevantes, Ginzburg (1999), assim como Barros (2019) mais recentemente, diz que o conjunto de vestígios ou indícios deixados pela existência humana constitui um universo de possibilidades dos quais podemos nos apropriar para constituir nossas fontes históricas.

Conforme as postulações de Barros (2019), os santinhos de falecimento caracterizam fontes de conteúdo, dentre as quais observamos a combinação de elementos iconográficos e textuais, por trazer tanto imagens do falecido, ícones que remetem à religiosidade, como mensagens de alento, que podem ser frases confecção-

nadas pelos entes ou mesmo citações diretas da Bíblia. Além disso, como mencionamos anteriormente, registram não apenas a morte, mas a existência, a vida de alguém, embora este tenha falecido.

Em síntese, por meio dos santinhos de falecimentos, somos capazes de identificar os vestígios que constituem a biografia de alguém, de uma família, de um bairro, de uma cidade e, por conseguinte, podemos utilizá-los como fontes historiográficas. Eles podem fornecer subsídios aos estudos historiográficos como fontes históricas de biografias e sobre a relação entre morte / biografias / memórias, sem esgotar o assunto. O álbum dos mortos da Dona Ivoneide configura uma fonte histórica das biografias que pulsam no Poço da Draga. Ainda que se refira a alguém que faleceu, são memórias, camadas do passado que permanecem vivas com aqueles que ficaram e, em algum momento, retornam à margem do presente. As memórias como construção coletiva são constituídas a partir das relações sociais e não desaparecem com o falecimento de um indivíduo; elas são rememoradas e transmitidas aos vivos.

Referências

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. *O que é covid-19?* Plataforma digital do Ministério da Saúde. Brasília, 2020. Disponível em:

<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 29 maio 2020.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história, *Topoi*, v. 10, n. 19, p. 7-16, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2021.

Um lugar antes e depois da fotografia

Ana Carla Guimarães Lima Vieira²⁷

9. Sabedoria pode ser que seja mais estudado em gente do que em livros. 10. Quem se encosta em ser concha é que pode saber das origens do som
(Manoel de Barros).

Como viver em um mundo sem fotos? Essa dúvida não precisa ser projetada em um futuro distópico: ela já fez parte da vida humana de tempos passados. É estranho pensar na ausência de algo que não se sabia existir até que fosse criado, até que a fotografia surgisse de fato. As formas de registro se davam obviamente de outras formas. É comum encontrar retratos pintados de avô e avó, quem sabe dos pais desses avós, e assim por diante. Mas a fo-

²⁷ Graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista de iniciação acadêmica do grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos (UFC), no projeto "Fotobiografias: uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais", em 2022, e bolsista de extensão, em 2023.

tografia, tal como a conhecemos, segue sendo uma invenção recente, pois o acesso se populariza tardiamente – penso que talvez algo que não alcance a maioria das pessoas não exista de fato, visto que é privilégio de alguns. Então, de alguns poucos retratos pintados e pendurados nas paredes das salas as pessoas veem um deslocamento interessante para as possibilidades que uma câmera pode oferecer: fotos de aniversários, almoços de família, casamentos, viagens, imagens de luto, álbuns infantis; junções de fotos que, em um primeiro momento, parecem não ter relações entre si, desconexas, portanto, mas que possuem algo em comum; festas locais, reuniões de moradores; as primeiras fotografias dos primeiros restaurantes; o primeiro banho na praia fotografado; a foto do primeiro poste da rua; da inauguração da escola; da missa celebrada em uma igreja ainda sem paredes pintadas, só com os tijolos, pois, ainda que ela não esteja fisicamente pronta, a necessidade de encontro entre as pessoas naquele espaço antecede a necessidade por uma materialidade perfeita e completa.

Pouco a pouco os registros são apreendidos e as imagens feitas vão contando histórias que misticamente vão mudando suas próprias formas com o tempo, decorrência não apenas do desgaste, que é reflexo da passagem dos anos, mas as lembranças vão se reconstruindo e, com dinâmicas múltiplas, fazem e refazem certos traços de um mesmo acontecimento capturado. No que diz respeito ao ato pessoal de fotografar, é interessante que nunca desempenhei muito bem tal tarefa, o ato de posicionar a câmera sobre algo, pessoa, objeto, ou o que quer que seja, nunca pareceu fluir naturalmente. Saindo de casa pelo motivo que fosse: festas de fim de ano, comemorações no geral, apresentações da escola, acabava voltando sem nenhuma foto. Com o tempo, isso foi se tornando uma atividade desnecessária, desinteressante e sem sentido algum. Talvez o motivo fosse a crença de que o lugar no qual vivia não era bom o suficiente para a vida planejada. A ideia de progresso, de conquistas profissionais, de alcançar determinados objetivos parecia viver em descompasso com aquele lugar simples e calmo, onde as pessoas se conheciam a vida toda e onde a

maioria ainda poderia ter um grau de parentesco entre si. Então, por quê registrar o atraso se o que era de fato digno de ser visto, de ser guardado e lembrado pertencia a outras configurações? As cidades com seus prédios e espaços feitos para nos lembrar que o futuro é o avanço, com suas coisas cada vez mais inovadoras e devoradoras de tempo e de dinheiro, é que de fato valiam a pena. A cidade não nos pertence, nós é que pertencemos a ela, ao seu ritmo acelerado, ela nos joga para a obsolescência, para um acúmulo de objetos inúteis e quebrados. Mas, ainda assim, o seu lugar não parece digno, não tem graça ou cultura.

No entanto, na medida em que o tempo passa e você vai se afastando desse lugar de começo, ele começa a fazer mais sentido e o seu valor é de fato enxergado. E, numa tarde qualquer, você passa entre os cômodos do seu pequeno lugar, sua casa, da cozinha em direção ao quarto, um sol, que já vai se pôr, atravessa a janela, primeiro a sala e os demais cômodos; a luz vai tomando toda brecha existente, cada goteira no telhado até entrar pela porta do lado; tudo fica, enfim, iluminado e algo toca você. A foto vem a exatas quatro e cinquenta e seis da tarde. Tudo faz sentido, você pertence àquele lugar e, nesse dia, aquelas árvores, aquela rua, aquelas casinhas, as pessoas, tanto o canto dos pássaros no final da tarde como o cheiro do café não são apenas elementos desconexos, desinteressantes, eles vivem em você, nas memórias, nas vidas que passaram e passam por ali. Um elemento que, a princípio, parece não ter relação com o assunto, mas que é interessante de perceber, é como o momento em que você decide de fato fotografar se conecta com a sensação da falta que a cena vista fará quando ela acabar. Depois desse dia, acredito que, de algum modo, entendi o que Cortázar quis dizer no seu conto “As babas do diabo”, quando conclui que:

Entre as muitas maneiras de se combater o nada, uma das melhores é tirar fotografias, atividade que deveria ser ensinada desde muito cedo às crianças, pois exige disciplina, educação estética, bom olho e dedos seguros. Não se trata de estar tocando a mentira como qualquer repórter, e agarrar a estúpida silhueta

do personagem que sai do número 10 de Downing Street, mas seja como for quando se anda com a câmara tem-se o dever de estar atento, de não perder este brusco e delicioso rebote de um raio de sol numa velha pedra, ou a carreira, tranças ao vento, de uma menininha que volta com o pão ou uma garrafa de leite (Cortázar, 2009, p. 2).

Com essas reflexões, talvez bastante aleatórias, tenho pensado cada vez mais sobre o nosso olhar sobre as coisas. O distanciamento permitiu que o meu lugar considerado atrasado, por minha própria perspectiva, simples, sem diversão, passou a ser visto de outra forma, com mais humanidade e respeito às singularidades que não podem ser reduzidas a um objetivo puramente utilitário ou consumista. Nesse sentido, é interessante como buscar ler atentamente outras experiências do nosso lugar pode nos permitir conhecer os outros lugares de uma nova forma. Agora, a cidade em que vivo não é mais aquela cidade dos *shoppings*, das coisas, do lazer apenas. A partir desses momentos, a cidade se transformou no meu entendimento. Digo isso porque a cidade sempre esteve ali, as pessoas estavam ali o tempo todo. A cultura estava ali, os pescadores estavam ali, as costureiras, a música, os mercados, as feiras, os parques, os caminhos que podemos percorrer, seja a pé ou de ônibus. Em *Rua de mão única*, no texto “Tiergarten”, Benjamin conseguiu traduzir esse sentimento ao atentar para o fato de que:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro (Benjamin, 2009, p. 73).

Talvez já não se trate mais, enquanto acadêmicos, cientistas sociais, historiadores, geógrafos, filósofos, de apenas buscar compreender as realidades e as cidades e, a partir dessas compreensões sociais e do tempo, projetar e buscar extrair o que a cidade poderá

ser ou oferecer um dia, quais avanços tecnológicos, morais ela pode chegar a alcançar. Enquanto olhamos de fora, com nosso olhar científico, o mais importante talvez estejamos deixando de lado: as pessoas que fazem a cidade, que trabalham e lutam por ela, e contra ela, pela sobrevivência.

Referências

BARROS, Manoel. *Retrato do artista quando coisa*. Disponível em: <https://casadamericalatina.wordpress.com/2012/04/20/excertos-da-poesia-completa-de-manoel-de-barros-3/>. Acesso: 30 out. 2022.

BENJAMIN, Walter. Tiergarten. *In: Rua de mão única*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009. (Obras Escolhidas; v. 2).

CORTÁZAR, Julio. As babas do diabo. *In: Cortázar, Julio. As armas secretas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MANGUEL, Alberto. A última página. *In: MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Possíveis Mauras

*Darlene Freitas de Sousa*²⁸

Maura Lopes Caçado, jornalista e escritora mineira, vista como promessa literária do ano de 1968, vivenciou mais de dezenove internações clínicas, totalizando quatro anos de reclusão em hospitais psiquiátricos. Em uma dessas internações, escreveu um diário que se tornou o livro *Hospício é Deus*, em que Maura relata seu cotidiano na instituição psiquiátrica.

Nascida em 1929, filha da elite socioeconômica de Minas Gerais, estancou todas as expectativas que a patriarcal sociedade mineira pôs sobre seus jovens ombros de moça. Aos 15 anos estava divorciada e com um filho para tomar de conta. Sem inserção em seu próprio meio social, pois com sua recente alcunha de desquitada já não era mais bem quista, Maura buscou novos horizontes, mudou-se para o Rio de Janeiro.

Em meados de 1959, o movimento neoconcreto se consolidava na cena cultural carioca e Maura Lopes foi apresentada a Assis

²⁸ Bacharela em Ciências Sociais. Realizou em 2018 a pesquisa de monografia: *Escrita e sobrevivência em Hospício é Deus: as narrativas de Maura Lopes Caçado*.

Brasil, que estava à frente do Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*. Recém-saída de sua primeira internação psiquiátrica, passou a fazer parte do suplemento literário do jornal.

Reconhecendo as escritas de si como uma fonte primária importante para a compreensão sociológica, abordo em meu trabalho a conceituação de diário, além de traçar um paralelo entre a leitura do diário de Maura e a visão de mais três pesquisadoras: Luisa Scaramella, que busca as diversas narrativas que envolvem Maura Lopes, destacando não haver uma única, absoluta e definitiva verdade sobre a trajetória dela; Célia Musilli, que aponta uma Maura provocativa, que tentava, por meio de sua escrita, administrar toda a angústia vivida; e Mariana Patrício Fernandes, que aborda questões relativas à sensação de confinamento vividas por Maura e as formas de tentar escapar desse cativeiro.

A escrita do livro, *Hospício é Deus*, é marcada por impressões íntimas da autora. Ela descreve o cotidiano ao qual era submetida nas diversas internações clínicas. Na obra, é possível perceber que, inúmeras vezes, Maura questiona a relação sanidade *versus* loucura e revela que o mais terrível não era ser louca, e sim lutar contra a insanidade, ter que provar a todo instante que fazia parte do aceitável mundo dos sãos. A partir do momento em que afirmava estar sob risco de perder a razão, o indivíduo também acabava por perder todo o resto, sua individualidade e privacidade; seus desejos e vontades não eram mais respeitados. Toda a conduta da vida do louco é relegada a decisões de terceiros, desde os familiares, que decidem pelo interno, até os médicos, enfermeiros e funcionários dos hospitais psiquiátricos, que tratam os internos como meros fantoches. Os relatos da escritora revelam quão desestruturados e despreparados eram (e ainda são) os hospitais psiquiátricos brasileiros.

E o que Maura havia feito de tão terrível a ponto de se tornar uma figura desviante, sem merecimento de convívio com os demais? Ela ousou ser diferente, ela teve a audácia de romper com o *script* de filha / esposa / mãe / mulher de família que o patriarcado reserva a nós mulheres. O divórcio foi um divisor de águas na vida de Maura

– toda a sua trajetória social passou a ser influenciada por esse fato. Ela se sentia à margem dos contextos sociais nos quais estava inserida. Fosse dentro ou fora do hospício, a sensação que ela descrevia nos diários era de não pertencimento a nenhum desses espaços.

E se o comportamento de Maura não fosse considerado transgressor, seria ela taxada como desequilibrada? E se Maura fosse Mauro? Seria considerado louco ou apenas excêntrico / genial? Quantas de nós ainda irão sofrer sérias represálias por tentar ser exatamente o que se é, por ir de encontro ao *status quo*?

Maura Lopes, princesa Diana, Marie Curie, Tina Turner, Camille Claudel, Artemisia Gentileschi, Margaret Keane, Ana Mendieta, Dorothy Stang, Patrícia Acioli, Marielle Franco, Leila Diniz, Maria Bezerra, Maria Dalva. Quantas de nós?

Um rastro bordado

*Alana Brandão Moura*²⁹

O texto que escrevo aqui é sobre meus laços e entrelaçamentos com o grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos. Tentei várias vezes iniciar um texto sobre minha pesquisa para a monografia, sobre minha relação com a graduação e a extensão, mas sempre acabava por escrever mais sobre minha relação com o grupo e as pessoas. Então, desisti da ideia inicial e resolvi escrever sobre os meus caminhos junto com o Rastros Urbanos. Sendo assim, vamos lá!

Iniciei minha trajetória na Universidade Federal do Ceará (UFC) no ano de 2011, o mesmo ano em que o grupo Rastros Urbanos começa suas atividades. Ainda não o conhecia, mas, já no primeiro semestre do curso de Bacharelado em Ciências Sociais,

²⁹ Bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela UFC. Realizou em 2018 a pesquisa de monografia no curso de graduação em Ciências Sociais: *A publicidade e a imagem feminina: imagens da mulher brasileira na década de 1950 a partir da revista Jornal das Moças*. Pesquisadora do grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos. Bordadeira, com prática em bordado livre e se aventurando no bordado em fotografias. Perfil no Instagram: @enlindhobordados.

tive disciplina com a professora Cristina Maria, coordenadora do grupo. Sabe aquelas professoras que te fazem ter epifanias e gosto pelo estudar?! Cristina é dessas! Por isso, cursei outras disciplinas com ela e, quando chegou o momento de escrita da monografia, em 2016, a convidei para ser minha orientadora.

É nesse ano que de fato algumas horas da minha vida começam a ser preenchidas pelo Rastros Urbanos. A professora Cristina aceita o convite para me orientar e, junto a isso, como faz com todos os seus orientandos, me leva para participar das reuniões de leituras e estudos do grupo. Foi somente cinco anos após ingressar na universidade que comecei a ter contato direto com a extensão e pude perceber o quão importante ela é.

Além dos estudos para a escrita da monografia, de 2016 até a defesa do meu trabalho, em 2018, participei ativamente das atividades do Rastros. Tínhamos encontros semanais que intercalavam entre momentos abertos a todos, para que fizéssemos leituras e estudos, com momentos de reuniões somente com os membros do grupo, para que discutíssemos as atividades a serem elaboradas no semestre. Foi assim que organizamos eventos incríveis e de muito aprendizado.

Entre esses eventos, pudemos organizar duas visitas da professora Fabiana Bruno (pesquisadora e colaboradora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas – Unicamp) à UFC para nos mostrar seu trabalho com fotografias órfãs. Segundo ela, essas são fotografias encontradas ao acaso, em feiras de antiguidade, em lixeiras, em demolições de prédios urbanos. Compreender e estudar sobre essas imagens órfãs nos influenciou muito nos caminhos que seguiríamos nos próximos anos, pois o Rastros já elaborava uma pesquisa que misturava o urbano e as fotografias, mas, agora, tendo essa nova percepção sobre fotografias, acrescentamos mais uma forma de olhar para as imagens que não vinham acompanhadas de um narrador.

Foi durante esses estudos que começamos a ter mais contato com uma mulher chamada Ivoneide Gois, moradora do Poço da Draga, localidade de Fortaleza situada próxima ao Centro. Em

meio às nossas andanças em busca de imagens pessoais que contavam a história da cidade de Fortaleza, conhecemos Ivoneide, que é uma espécie de guardiã de memórias, com suas dezenas de álbuns que trazem imagens e narrativas que contam muito sobre a cidade onde moramos. Entre seus mais de 100 (cem) álbuns, um nos chamou bastante atenção por ser composto apenas de santinhos e estar com suas imagens postas em cada página de forma pensada. Num primeiro olhar, a professora Cristina Maria já nos falou: “Isso é um livro pronto!”.

Começamos, então, a organizar o livro de Ivoneide e conseguimos imprimi-lo a tempo de ser lançado, em 2019, na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará. O livro, intitulado *Territórios da memória: Poço da Draga*, traz um santinho por página, tendo abaixo de cada um deles uma descrição escrita à mão pela Ivoneide sobre a pessoa falecida, de modo a contar parte da história das pessoas que viveram no Poço da Draga. Ajudar na organização desse livro foi como ajudar a contar a história da comunidade e das pessoas que passaram por ali – uma história que não está nos livros didáticos, não está nos livros oficiais distribuídos nas escolas e universidades.

O ano de 2019 foi importantíssimo para mim porque, além do lançamento do livro da Ivoneide, após anos de trabalho e pesquisa no Poço da Draga, tive a oportunidade de publicar dois artigos a convite da professora Cristina Maria: um escrito com ela e o Felipe Braga, também membro do Rastros na época, intitulado “Trilhos da memória: experiências urbanas em fotografias no Poço da Draga/ Fortaleza-CE”, que foi publicado na revista da Rede OPPALA (Observatório de Paisagens Patrimoniais e Artes Latino-Americanas) da UFC; outro escrito com a professora Cristina e a Ananda Andrade, que já havia sido membro do Rastros e na época era doutoranda na Unicamp, intitulado “Fotobiografias: mulheres como guardiãs de memórias na cidade”, que foi publicado na revista *Ponto Urbe*, do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (USP). Foram dois artigos, também frutos do nosso tra-

balho de pesquisa e extensão no Poço da Draga, sempre construído junto ao lugar e às pessoas.

Em seguida a todos esses trabalhos, que começavam a acontecer após anos de estudo do grupo, veio a pandemia do coronavírus, e precisamos todos ficar isolados, sem contato social. Nos primeiros meses, o grupo ficou quase que totalmente pausado, pois a maior parte do nosso tempo era em campo, no contato com as pessoas. Aos poucos, fomos voltando aos encontros de forma *on-line*, mensalmente, para não termos uma sobrecarga num momento em que já estávamos com tanto terror.

Durante os meses de isolamento social, me vi em busca de algo para ocupar a cabeça e retornou em mim a vontade que sempre tive, desde a infância, de aprender a costurar. Pesquisando na internet, descobri o mundo do bordado livre e comecei a aprender tudo de forma *on-line*. Assistia a aulas em diversas plataformas e fiz alguns cursos até descobrir o bordado em fotografia. Já vinha no Rastros trabalhando com imagens e, quando percebi que podia unir isso ao bordado, foi incrível.

Quando me vi, no segundo semestre de 2021, eu já estava ministrando uma oficina de bordado em fotografia para alunos da UFC e da Unicamp, transpondo imagens para o tecido e tecendo-as com linhas, fazendo trocas com outras bordadeiras da minha cidade e bordando o mapa afetivo do Poço da Draga (imagem a seguir) para uma exposição que aconteceria no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, chamada “Poço 115: Rastros na Cidade”, que iniciou em janeiro de 2022.

Figura – Mapa efetivo do Poço da Draga feito em bordado



Fonte: elaborado pela autora.

Finalizo meu texto expressando o quão linda tem sido minha trajetória no Rastros Urbanos, o quanto esse grupo e as pessoas que o compõem me ensinam, o quanto de oportunidades a professora Cristina me proporciona e o volume de coisas que produzi com a pesquisa realizada dentro do trabalho de extensão. O que eu posso falar então, é: obrigada!

Grafando a cidade

imagens, trajetórias e narrativas

*Ananda Andrade do Nascimento Santos*³⁰

Foi em 2011, no mesmo ano de seu nascimento, que passei a integrar o Rastros Urbanos: Experiências, Encontros, Narrativas e Trajetórias, coordenado pela professora Cristina Silva, na época recém-chegada ao corpo docente da UFC. O Rastros, esse organismo vivo, que escapa de nomes / espaços institucionalizadores como “laboratório”, se apresentou na minha experiência como uma rede de trocas, de pesquisas e de afetos, e como aquilo que desestabilizava o pouco que eu poderia chamar de certeza em minha breve trajetória em Ciências Sociais.

Minha turma foi a segunda do curso noturno de Ciências Sociais, criado a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestru-

³⁰ Bacharela em Ciências Sociais pela UFC. Realizou em 2013 a pesquisa de monografia no curso de graduação em Ciências Sociais: *Grafando a cidade: imagens, trajetórias e narrativas no grafitti em Fortaleza (CE)*. É pesquisadora do grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos. Atualmente é doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Campinas – Unicamp.

turação e Expansão das Universidades Federais – Reuni. Na época, vivíamos um contexto em que docentes e discentes enfrentávamos questões estruturais de nosso recém-criado curso, como o não funcionamento da biblioteca do departamento no período noturno ou a falta de limpeza dos banheiros – até chegamos uma vez a ser esquecidos trancados no prédio pelo segurança, que não havia sido informado que o curso noturno existia ali, nós existíamos ali.

Na época, eu havia lido um livro do Howard Becker e “pinçado” a ideia da história de vida como parte de um mosaico social / científico, sendo que cada peça desse mosaico contribuiria para a nossa compreensão do “todo”, do “total”. Passei a utilizar essa ideia de pensar as histórias de vida como peças de um mosaico social à exaustão em meus trabalhos escritos nos primeiros semestres. Isso passou a ser tensionado nos encontros do Rastros (em salas que por acaso estavam disponíveis, nos banquinhos da praça do departamento, em lugares para além da universidade – o Rastros sempre foi vivo demais para ficar apenas na universidade), entre nossas leituras (fossem elas clássicas ou não); na troca de impressões sobre filmes (não foram poucos que vimos juntos, mas aqui destaco *Balzac e a costureirinha chinesa* e *A hora da estrela*, por coincidência – ou não – ambos baseados em livros) e músicas (o *Nó na orelha*, álbum de 2011 do cantor Criolo rendeu várias trocas em nossas reuniões); no conhecimento daquilo que chamamos de bairro / cidade através do que Certeau nos ensinou como retóricas do caminhar, de tomar o espaço urbano como lugar praticado, atravessado pelo que se fala, desenha e divulga sobre ele.

Minha atuação no Rastros atravessou e afetou minha primeira aproximação da pesquisa etnográfica, na graduação em Ciências Sociais, quando estudei com *pixadores* e *graffiteiros* sobre suas práticas e rastros, sobre a Fortaleza pintada e imaginada por eles.

Em minha monografia de conclusão de curso, sob o título *Grafando a cidade: imagens, trajetórias e narrativas no graffiti em Fortaleza (CE)*, eu não me interessava em apreender diferenciações entre *pixo* e *graffiti*, crime e arte, articuladas a partir do discurso de instituições. Como uma moradora da região metropolitana que pas-

sava boas horas por semana indo e voltando do Centro de Fortaleza, olhar para a janela e olhar *pixos* e *graffitis* sempre fez parte da minha rotina. Foi apenas a partir da minha vivência no Rastros, que percebi nas grafias da cidade, no urbano como constituinte da arte, nos rastros e restos da cidade, um caminho para a pesquisa.

Interessava-me saber como Armando, um dos principais interlocutores na pesquisa, falava de suas práticas, construía em suas narrativas e relações uma Fortaleza vivida, rasurada, que escapava de qualquer totalização (seja a do discurso oficial, no combate aos contrausos da cidade e enaltecimento do *graffiti* como estratégia de criminalização do *pixo*, seja a do discurso produzido dentro da academia, ocupado em descrever e distinguir as duas práticas).

Enquanto caminhava pelas ruas de Fortaleza e acompanhava as práticas de Armando, pensando com os rastros que ele deixava no espaço urbano e tornava visíveis através do *graffiti*, também refletia sobre a fisionomia da cidade, sobre o rosto e as cicatrizes que a cidade de Fortaleza apresentava e permitia (ou não) praticar. “Essas práticas remetem a maneiras de fazer e a uma mobilidade opaca e cega da cidade racionalizada. Uma vida metafórica” (Certeau, 1994, p. 172). Ou, nas palavras de Armando:

Fortaleza é uma cega. Tem muita coisa aqui nessa cidade que ninguém vê.

As histórias pequenas nesses *graffitis* contam a história de Fortaleza. Essa cidade aceita muita coisa, aceita tudo. Nem tudo que é lei, é lei mesmo.

O espaço é muito grande e pouco aproveitado. Essa área turística é feita pro outro, não pra mim.

A cidade lá fora se resume a um cartão-postal, aqui dentro a um inquérito policial.

Se for denunciar tudo que tá errado, vai faltar folha sua e muro meu. Acho que é por isso que não uso meu *graffiti* como forma de denúncia. Uso pra esquecer aquilo que não posso mudar.

Todo risco que você faz no muro tem uma história. De spray, carvão ou giz. Isso que é história agora foi raiva no passado (Armando Siba, 2013).

A história da cidade de Fortaleza está escrita nos muros, nas pedras dos calçamentos, na arquitetura dos prédios, nos bancos e canteiros das praças e, de maneira especial, nas memórias dos seus moradores.

A cidade de Fortaleza é um espaço de encontros e desencontros, de constantes passagens, de labirintos e conflitos, de caráter dinâmico e conturbado. Contudo, entre panfletos, *outdoors* e propagandas visuais e auditivas que constroem a grande cidade, coexiste o olhar de quem “fica”, daqueles que neste espaço trocaram experiências, daqueles que passaram pela praça, que fizeram dela um lugar praticado, daqueles que não construíram grandes prédios comerciais, mas que imprimem nos seus muros cicatrizes ao mesmo tempo efêmeras e profundas na memória da cidade.

No Rastros, apesar da amplitude de temas de interesse dos membros que passam por ele, podemos dizer que nos interessamos por trajetórias, experiências e narrativas, isto é, pelo que vaza, pelo que se insinua, pelo que resta, pelas práticas que não nos propomos a “capturar”, “aprisionar” em um “retrato fiel”, mas sim a acompanhar, rastrear e viver junto. Com o Rastros, eu aprendi a pensar o que fazemos em pesquisa em Antropologia não como uma porta de entrada para a totalidade de um mosaico que se busca congelar no tempo para analisar, mas como o que Tim Ingold chama de “filosofia com gente dentro”, uma forma de fazer engajada com a vida, que quer mais é acompanhar seus fluxos indômitos.

As guardiãs da memória na cidade

*Cristina Maria da Silva*³¹

Com agulha e linha é que se tece a vida. Observar o tempo da vida é como manusear agulha e linha cosendo o tecido, dando-lhe forma e tornando-o visível nas suas estampas. Álbuns, fotos avulsas, impressas, digitais, que paisagens eles nos dão? De que tempos nos falam? Quem ou o que se dá para nós nessas imagens? O que de tantos outros se faz presente nas imagens que se montam diante de nossos olhos? O que herdamos com as imagens que chegam até nós e se aconchegam aos nossos cuidados? Quanto de nós cuida delas, quanto delas cuida de nós? O que elas nos dão quando são dedicadas, enviadas ou compartilhadas? Que afetos nelas se abrigam, o que relampejam deles em nós?

Fotografias unidas ou dispostas ao acaso em nossas mãos são uma tessitura onde nem sempre vemos quem segura a agulha e a linha, mas a existência se tece em nós. Com essas perguntas, criamos em 2016 o projeto de extensão “Fotobiografias: uma Fortaleza que

³¹ Professora Associada do Centro de Humanidades. Docente do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Letras UFC. Coordenadora do grupo de estudos e pesquisas Rastros Urbanos. Coordenadora do projeto de extensão na UFC: “Fotobiografias: uma Fortaleza que se encontra em acervos fotográficos pessoais”.

se encontra em acervos fotográficos pessoais”, que busca, na área de Ciências Humanas, na área temática de cultura e artes visuais, observar como as pessoas acervam suas memórias por meio da salvaguarda de suas fotografias pessoais; a construção de um patrimônio material e imaterial, na maior parte das vezes, desconhecido e não reconhecido pela universidade e instituições.

Esse projeto tem feito um mapeamento social e antropológico sobre a cidade de Fortaleza e região metropolitana, a partir dos registros feitos na cidade e preservados em álbuns fotográficos. O Poço da Draga tem sido o território principal de suas atividades, em Fortaleza (CE), onde temos pensado nos entrelaçamentos entre fotografias, narrativas e memórias, tanto individuais quanto coletivas. Por meio dessas imagens comuns, guardadas em casa, temos buscado com os moradores da cidade as suas narrativas sobre os territórios fotografados, associando à compreensão urbana elementos como os afetos e subjetividades na constituição das cidades e das práticas urbanas. Visamos também a preencher lacunas da história local, da compreensão da heterogeneidade de seu povo, bem como das tensões e conflitos vividos na capital Fortaleza, contribuindo, assim, para a construção de uma paisagem comparativa por meio das artes visuais e do trabalho analítico de narrativas.

A maior parte das guardiãs dessas memórias em fotografias e narrativas são as mulheres. As imagens estão guardadas em álbuns ou pastas e, diante delas, as narrativas emergem, evocando memórias sobre o território e sobre as vivências locais. No Poço da Draga, nos últimos anos, Ivoneide Gois foi uma das nossas mais importantes interlocutoras. Publicamos um de seus álbuns, em um acervo de centenas de imagens que retratam o cotidiano de sua família, mas também de seus vizinhos e das histórias que perpassam o lugar. No álbum que publicamos, ela guarda a memória dos mortos do lugar, através de um de seus álbuns, nos quais estão arquivadas as imagens dos santinhos dos mortos.³² A partir de suas

³² GOIS, Ivoneide. *Territórios da memória*. Poço da Draga. Fortaleza-CE: Printi-Gráfica rápida online, 2019.

imagens, adentramos um Poço da Draga que se revela pelos lugares de recordação situados em suas calçadas, na praia, na Ponte Velha, diante do mar, nos quintais e nas transformações da casa, da madeira à alvenaria. Folheando suas fotografias, conhecemos sua família, a infância e adolescência de seus filhos, já adultos, sua mãe Dona Zenir, a costureira do Poço, Dona Iolanda, a madrinha de todos, Dona Ivonilda, Dona Dedé, entre outras. Por suas mãos e por suas imagens, somos levados ao Sarau das Mulheres, que acontece mensalmente, e criamos um laço de extensão e de afetos com as mulheres desse território.

Nos artigos “Fotobiografias: mulheres como guardiãs de memórias na cidade”, em 2019, e “As fiandeiras da memória: a cidade de Fortaleza arquivada em fotografias e oralidades”, em 2022, apontamos como no Poço da Draga as lutas incansáveis para permanecer e manter a casa, para conquistar direitos básicos, como água e saneamento básico, mas também o apoio às famílias mais vulneráveis estão presentes nos muitos álbuns fotográficos de Ivoneide Gois, nos registros da ONG Velaumar, nas fotografias da Dona Ivonilda e das muitas mulheres que ali vivem, catalogadas no nosso acervo. Ao olharmos as imagens, com os que ali habitam, principalmente, com as mulheres, observamos o que afirma Assmann (2011, p. 265): há uma diferença entre memória e recordação. Se a memória é uma armazenadora da existência e mantém um “presente constante”, a recordação, por sua vez, inclui intervalos de não presença e descontinuidades, sendo assim, corporificada. Observamos esse movimento, ao vermos nossas interlocutoras, diante de uma pergunta, indo muitas vezes além das imagens, levantando-se, apontando, tornando vivo o que contam. Elas veem mais do que está ali. É o próprio tempo se fazendo corpo para narrar o que foi vivido.

As mãos artesãs de Ivoneide Gois tocam tecidos, palavras, imagens e a própria vida, e, com elas, une paisagens, rastros e afetos. Nunca sabemos o que de fato nos prende a uma cidade: as raízes, os rostos, um momento, os familiares, as paisagens que nos afagam nas

tardes quentes? Ivoneide alinhava um pouco de tudo isso em seus inúmeros álbuns fotográficos. Neles, ela compõe não apenas a história de sua família, mas vincula e congrega a vida de seus vizinhos, aproxima paisagens, costura geografias. No papel fotográfico, ela guarda afetos, não tem medo de tocá-los, assim como não tem nenhum receio de romper com as suas cronologias, remonta seus lugares para que eles não se acostumem com as separações plastificadas dos álbuns. Aproxima rostos, conhece profundamente as histórias que os compõem, ata a vida e a morte. Coleciona, na pele das imagens, a reverência aos seus antepassados e suas narrativas.

Fruto da convivência com essas mulheres, passei a olhar com elas a Fortaleza da minha infância e adolescência em Fortaleza. Com elas aprendi a encontrar os lugares de afeto na cidade. Lembrei que era ali diante da ponte que eu fitava no passado o horizonte, sem imaginar que um dia voltaria, exatamente ali, para encontrar à beira-mar, conduzida por essas guardiãs das memórias, as minhas próprias lembranças.

Concomitante à realização desse projeto, iniciei uma pesquisa individual sobre minha avó materna Tereza. Comecei a compor um álbum de fotografias para e sobre ela. Desse trabalho, escrevi “A composição de um álbum fotográfico: os rastros de uma avó materna”, que foi inicialmente apresentado em congresso e publicado pela *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, em 2016. Entre 2016 e 2023, entrecruzando fotografias e narrativas, organizamos um acervo virtual, com todo o material coligido. Diante dele, uma paisagem visual, humana e potente se configurou diante de nós. Nesse sentido, passamos a observar como seria importante narrar o modo como essas guardiãs guardam suas linhas de vivências. Como exprimir as presenças de seus corpos na aridez da própria cidade?

Nos dias 9 e 10 de fevereiro de 2023, a partir do convite do museólogo Saulo Moreno, Alana Moura e eu, propusemos uma oficina no Museu de Arte da UFC – MAUC, intitulada “Memórias em fotografias: rastros dos avós em acervos fotográficos pessoais”.

O intuito era conversar sobre essas possibilidade de pensar nos acervos comuns e como eles podem revelar traços de nossas biografias, porém também da biografia da cidade. Em um segundo momento, diante dessas recordações, entramos com os alinhavos da prática do bordado, como modo de aliar o pensamento ao trabalho manual e, a partir dali, trabalhar com as experiências dos participantes. Desses conjuntos de experiências, seja nos álbuns do Poço da Draga, nas vivências dos álbuns dos avós, passamos a refletir sobre os traços visuais no tempo em a(linha)vos, fotografias e narrativas. Assim, criamos uma experiência imersiva sobre essas guardiãs que está sendo construída em parceria com o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. A geografia da cidade se desenha a partir do que nos contam, em um mapa afetivo, que é narrado e bordado. As imagens reconstituem cenários, as narrativas apontam os fios que compõem as paisagens e o elã vital do que foi vivido. A partir delas e dos movimentos da memória por meio dos rastros, dos intervalos em branco, a recomposição da existência por meio de restos se torna possível. Em álbuns, malas, bolsas, latas, de vários lugares do estado do Ceará e de fora dele, os fios das memórias se arquivam e as histórias de inúmeras mulheres se expressam diante de nós para serem lidas e testemunhadas.

Referências

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas de transformação da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- GOIS, Ivoneide. *Territórios da memória*. Poço da Draga. Fortaleza: Printi, 2019.
- SILVA, Cristina Maria da. As fiandeiras da memória: a cidade de Fortaleza arquivada em fotografias e oralidades. *Manuscrita: Revista de crítica genética*, v. 47, n. 155-166, 2022.

SILVA, Cristina Maria da Silva; SANTOS, Ananda Andrade do Nascimento; MOURA, Alana Brandão. Fotobiografias: mulheres como guardiãs de memórias na Cidade. *Ponto Urbe*, 25, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7226>. Acesso em: 30 abril. 2023.

SILVA, Cristina Maria da Silva. A composição de um álbum fotográfico: os rastros de uma avó materna. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, Salvador, v. 01, n. 03. P. 428-446, set/dez. 2016.

Pós-fácio

Quantas vezes você leu ou ouviu narrativas a respeito do fio de Ariadne, do Minotauro ou, até mesmo, do rei Minos e da rainha Pasífae? Imagino que inúmeras. Por sua universalidade, os mitos gregos antigos têm sido reencenados e recontados ao longo da história. Para agora, me interessa pensar no fio que guiou Teseu à saída do Labirinto, prisão do Minotauro, donde ninguém escapava com vida.

A fim de cessar o sacrifício anual imposto pelos cretenses aos atenienses, a entrega de sete moças e sete rapazes ao Minotauro, Teseu decide matar o monstro e é secretamente auxiliado por Ariadne, meia-irmã do Minotauro. A princesa tece um longo fio, forma com ele um novelo e o entrega ao decidido herói, recomendando que ele o desenrole à medida que adentre o labirinto, marcando dessa maneira o seu caminho de volta.

Por que lembro o mito? Porque, ao ler *Rastros urbanos*, me vi em um labirinto de narrativas, de pessoas e de espaços, reais e fictícios, no qual me senti imersa e, para voltar a mim mesma e escrever este texto, precisei guiar-me pelo fio desenrolado do meu novelo.

No meu entender, o pós-fácio tem duas funções: a primeira, a mais importante, é não interromper a apreciação da leitura finda, e a

segunda, tarefa difícil, é acrescentar algo que arremate o que acabou de ser tecido. Para isso, decidi traçar algumas linhas, de modo breve, sobre os espaços geográficos da cidade de Fortaleza apresentados neste livro.

Começo pelo espaço mais citado: o Poço da Draga. Localizado na antiga Praia do Peixe, hoje, Praia de Iracema, em bairro homônimo, há tempos vem sendo atacado por especuladores imobiliários, com conivência da administração pública, que invisibiliza o local e permite atrocidades, na intenção de enfraquecer e retirar as moradoras e os moradores do Poço, que, apesar de tudo, resistem.

Permaneço, no mesmo espaço, para falar da Ponte Velha ou Ponte Metálica. Por anos sofrendo ameaças de derrubada e de “modernização”, em 2022, o IPHAN conseguiu dar início ao processo federal de tombamento das duas pontes, a Metálica e a dos Ingleses, e da Muralha Hawkshaw, conjunto de estruturas históricas do Antigo Porto de Fortaleza. Além de sua importância histórica, a Ponte Metálica é um lugar de afetos para os fortalezenses, principalmente para as pessoas que residem no Poço da Draga.

Continuo meu percurso praieiro e chego ao antigo farol do Mucuripe, que, embora abandonado pelas autoridades, é patrimônio tombado pelo IPHAN no âmbito estadual, tendo sido solicitado seu tombamento federal desde 2021. As organizações comunitárias do Serviluz e do Titanzinho fazem petições para a restauração do local, tanto por sua importância histórica, quanto para segurança das pessoas que lá residem e das que frequentam o espaço. Por anos cantado em versos, hoje no farol apenas o silêncio ecoa.

Prossigo, incluindo alguns dos bairros que foram citados: Centro, Jacarecanga e Benfica. Quem pesquisa sobre a cidade de Fortaleza sabe que, no início do século XX, esses eram os três bairros nobres da cidade. O Centro foi por anos o queridinho da elite fortalezense, porém, devido ao seu desenvolvimento administrativo e comercial, tornou-se um local ruidoso, obrigando as famílias que buscavam tranquilidade a se deslocarem para o Jacarecanga e o Benfica. É possível ver alguns rastros dessa nobreza nas poucas edificações

que escaparam da demolição ou descaracterização, como, por exemplo, na Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, localizada no Jacarecanga.

Por fim, chego ao Bom Jardim. De acordo com os residentes mais antigos, as primeiras moradias surgiram no início da década de 1960, após o loteamento de uma grande fazenda que ocupava a região. Os baixos valores dos lotes atraíram famílias de diversos bairros, que construíram suas casas e passaram a residir no local, até então sossegado. Nas décadas seguintes, seu crescimento desordenado, somado ao descaso do poder público, transformou o Bom Jardim em um bairro com altos índices de violência, fato que infelizmente persiste até os dias atuais.

Encerro esse breve percurso parabenizando o grupo Rastros Urbanos por seus mais de dez anos de existência e desejando vida longa às suas ações, sempre tecidas com firme delicadeza, ou, talvez, com delicada firmeza. Eu, de minha parte, sinto-me honrada e privilegiada pelo convite a alinhavar alguns pontinhos nessa grande teia de narrativas. Que nossos fios se entrelacem por muitas outras vezes!

*Solange Maria Soares de Almeida*³³

³³ Pesquisadora CNPq do Núcleo de Cultura Clássica – NUCLÁS e assessora do projeto de extensão Iluminuras – Literatura e Bordado.

Visite nosso site:



Av. da Universidade, 2932 – Benfica
CEP.: 60020-181 – Fortaleza-Ceará, Brasil
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br

No contexto das comemorações dos 70 anos da Universidade Federal do Ceará, a Coleção de Estudos da Pós-Graduação da UFC, em sua edição 2024-2025, celebra a maturidade de uma instituição que forma, pesquisa e transforma. Composta por 30 títulos selecionados em edital público, a coleção reforça o compromisso da UFC com a qualificação da formação discente e a valorização da sua produção intelectual. Os livros refletem a vitalidade da produção acadêmica que nasce no rigor da ciência, mas dialoga com os desafios regionais e globais. Fruto de seleção pública, esta edição testemunha o papel da pós-graduação na formação de excelência e no avanço do conhecimento, reafirmando o compromisso da UFC com o futuro, além de destacar a centralidade da pós-graduação na construção de uma universidade pública de referência.

ISBN 978-85-7485-640-7



9 78 8574 856407